

Francisco da Paz Pessoa (Sílvio Paz)
Carlos Augusto Pereira dos Santos

CAMOCIM RESPIRAVA ESSE AR DE MÚSICA

HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS FESTIVAIS DE
MÚSICA EM CAMOCIM-CE(1986-2003)





Carlos Augusto Pereira dos Santos

Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Graduado em Estudos Sociais e História pela UVA (1990 e 2015). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ (2000) e Doutor em História do Norte e Nordeste do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE (2008), pós-doutor em Estudos Culturais do Programa Avançado de Cultura Contemporânea PACC/UFRJ (2016). Autor de vários livros sobre história local, especialmente nas temáticas do cotidiano, cultura, história do trabalho e trabalhadores.



Francisco da Paz Pessoa (Sílvia Paz)

Nascido na localidade de Farias, Araioses, Maranhão, filho de Francisco das Chagas Pessoa e de Adelaide Justino da Paz. É formado em Pedagogia e graduado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú/ UVA./PARFOR.

Professor da rede municipal de ensino desde 1992, dando aulas sempre no Fundamental I, na zona rural I, na região dos Boqueirões e Flamengo. A partir de 2014 passa a trabalhar na sede, na escola EEF Francisco Ottoni Coelho, Bairro Boa Esperança, Camocim.

Mesmo como morador da localidade de Boqueirão dos Dourados desde de criança, sempre foi apaixonado pela arte e cultura popular e de raiz, e por várias vezes tem desenvolvido projetos na área, seja com alunos, seja na comunidade em geral.

Apesar de ministrar aulas, é tímido, mas gosta de escrever e produzir textos, poesias, poemas, cordel e de compor canções, com algumas gravadas por artistas locais. Venceu o Salão de Artes em 2014 na categoria poesia, com o poema “Meu Rio, Meu Mar”, além de várias participações nos Festivais de Música em Camocim. Foi um dos criadores do grupo folclórico Guerreiros do Boqueirão e da Banda da Lua.

Francisco da Paz Pessoa (Sílvio Paz)
Carlos Augusto Pereira dos Santos

CAMOCIM RESPIRAVA ESSE AR DE MÚSICA

HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS FESTIVAIS DE
MÚSICA EM CAMOCIM-CE(1986-2003)

Camocim - CE
2021



“CAMOCIM RESPIRAVA ESSE AR DE MÚSICA” HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS FESTIVAIS DE MÚSICA EM CAMOCIM-CE (1986- 2003).

© 2021 copyright by Francisco da Paz Pessoa (Sílvio Paz), Carlos Augusto Pereira dos Santos

Série História Camocinense - Tomo 1 - Volume 1

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho História

Ana Paula Gomes Bezerra
Andreia Rodrigues de Andrade
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Cícero João da Costa Filho
Cid Moraes Silveira
Felipe Azevedo Cazetta
Francisco Denis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhães Linhares
Maria Aparecida de Sousa
Raimundo Alves de Araújo
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valéria Aparecida Alves
Viviane de Souza Lima

Organizador da Série História Camocinense:

Carlos Augusto P. dos Santos

Revisão

Celina Maria Linhares Paiva

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

P475c Pessoa, Francisco da Paz (Sílvio Paz).
Camocim respirava esse ar de música: história e memória dos
festivais de música em Camocim-CE (1986- 2003)/ Francisco
da Paz Pessoa, Carlos Augusto Pereira dos Santos. – Sobral,
CE: Sertão Cult, 2021.

84p.
Série História Camocinense
Tomo I - v.I

ISBN: 978-85-67960-54-8 - papel
ISBN: 978-85-67960-55-5 - e-book - pdf
Dot: 10.35260/67960555-2021

1. História. 2. Festivais. 3. Memória. 4. Música. I. Sílvio Paz.
(Pseudônimo de Francisco da Paz Pessoa.). II. Santos,
Carlos Augusto Pereira dos. III. Título.

CDD 907.2
869.4



*Para Rildo Vilela,
Batista Senna e
Evanmar Moreira...
cantando e compondo
em outros palcos!*

SÉRIE HISTÓRIA CAMOCINENSE

Caros alunos, cidadãos camocinenses e leitores em geral.

Dentro do processo de divulgação de nossa história, desde 2017 que o município de Camocim conta com o livro didático HISTORIANDO CAMOCIM, além de outros títulos de caráter paradidático, como: A NOSTALGIA DOS APITOS – A Estrada de Ferro de Sobral. Quarenta anos depois da partida do último trem de Camocim (1977-2017); PINTO MARTINS – Um voo na memória e na história do avião camocinense; e O TERRA E MAR - Roteiros históricos e sentimentais de Camocim na obra de Carlos Cardeal.

Sem dúvida que a adoção e circulação destes livros no campo da história tem dado uma contribuição fundamental para professores e alunos da rede pública de ensino. No entanto, muito ainda sobre nossa história precisa ser pesquisado, publicado e divulgado. Neste sentido, estamos apresentando mais um projeto que busca ampliar e diversificar os temas que contam a história de nosso povo – a SÉRIE HISTÓRIA CAMOCINENSE, fruto do trabalho de organização do Coletivo de Historiadores de Camocim.

Embora ainda em caráter informal, o grupo de historiadores locais vem se reunindo desde o ano de 2020, imaginando projetos e propondo ações junto a vários parceiros e a administração pública, que dizem respeito à preservação histórica e do ensino de história.

Desta forma, a SÉRIE HISTÓRIA CAMOCINENSE, inicialmente pensada em três tomos, cada tomo com dois volumes, tem como objetivo

primeiro dar vazão a uma demanda reprimida de ótimos trabalhos de pesquisa realizados por historiadores locais. Nesta primeira leva de publicação da série, dois tomos virão a lume, com quatro trabalhos, abaixo discriminados os seus títulos e autores:

Tomo 1 – Eixo: Comunicação e cultura musical.

Vol. 1. “CAMOCIM RESPIRAVA ESSE AR DE MÚSICA”: História e memória dos festivais de música em Camocim-CE (1986-2003). Autores: Francisco da Paz Pessoa (Sílvio Paz) e Carlos Augusto Pereira dos Santos.

Vol. 2. A CANTORIA NAS ONDAS DAS RÁDIOS AM DE CAMOCIM: Relações políticas e culturais (1979-1989). Autora: Maely Alves de Mesquita.

Tomo 2 – História e Imaginário.

Vol. 1. MIOLO DE POTE – Dez anos do blog “Camocim Pote de Histórias” (2011-2021). Autor: Carlos Augusto P. dos Santos

Vol. 2. DEPOIS DA MEIA-NOITE: Experiências extraordinárias em contos, lendas e mitos narram o cotidiano de Camocim-CE (1950-1969). Autor: Edcarlos da Silva Araújo.

Por ora, agradecemos a Prefeitura Municipal de Camocim por possibilitar a publicação destas obras e a sua inserção na rede pública de ensino. E que futuras parcerias possam se concretizar para uma maior divulgação e visibilidade da nossa história.

Camocim, setembro de 2021,
142 anos de emancipação política.

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador da Série História Camocinense.
Prof. do Curso de História da Universidade
Estadual Vale do Acaraú – UVA.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
-----------------	---

CAPÍTULO 1

OS FESTIVAIS DE MÚSICA POPULAR NO BRASIL.....	13
A Censura.....	19

CAPÍTULO 2

OS FESTIVAIS DE MÚSICA NO CEARÁ.....	23
--------------------------------------	----

CAPÍTULO 3

O FESTIVAL DE MÚSICA EM CAMOCIM.....	33
3.1 A chegada do Festival de Música em Camocim.....	33
3.2. O Festival de Música em Camocim: a oralidade e os bastidores.....	43
3.3. Breve análise das músicas.....	56

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
---------------------------	----

FONTES.....	71
-------------	----

REFERÊNCIAS.....	73
------------------	----

ANEXOS.....	77
-------------	----

Introdução

Ter a possibilidade de contar a história dos festivais de música em Camocim (CE) foi trazer de volta um passado não muito distante, porém muito importante sobre o ponto de vista cultural e econômico, que ocorreu em nossa cidade, principalmente, nas décadas de 1980, 1990 e início dos anos 2000, e que ainda está vivo em nossas memórias. Contudo, sua realização anual parece ter se perdido no tempo ou não seja mais importante para o poder público municipal, que não deu mais continuidade a esse movimento cultural de grande importância não só para Camocim, mas também para toda a região noroeste do Ceará e outros estados vizinhos. Esses festivais se constituíram em marcos significativos para a história da música local, regional e brasileira, em cujo período de realização possibilitou o aparecimento de novos talentos, a renovação e redimensionamento de movimentos musicais do Ceará, como apontam algumas matérias de jornais que veremos mais adiante.

No bojo dessa efervescência cultural, compositores, músicos e intérpretes se destacaram com canções que ainda hoje permanecem vivas na memória do povo e da nossa região e fazem parte dos repertórios daqueles artistas que mais se destacaram nesses festivais.

Compreendemos, portanto, que os movimentos culturais são aspectos fundamentais de uma cidade, comunidade ou nação, vis-

to que eles representam os costumes de um povo que nela habitam, mesmo que esses venham a sofrer mudanças no decorrer do tempo e suas gerações. Neste trabalho, enfocaremos, portanto, a música, essa companheira que faz parte do nosso cotidiano, inserida na formatação de um festival competitivo, transformando-se num evento que passou a fazer parte da vida cultural da cidade. Neste sentido, o festival e outros movimentos culturais que surgiram no município no recorte temporal acima referido, acenderam nosso desejo de pesquisar e escrever sobre a temática, notadamente, sobre os Festivais de Música em Camocim.

Esse movimento musical começou de forma simples, **provavelmente** em 1983, com a promoção de vários shows de calouros pela Secretaria de Cultura do Município, culminando em 1986 com a realização do Primeiro Festival de Música em Camocim, evento que foi crescendo ano após ano, ganhando destaque como um dos maiores do calendário de eventos culturais do Estado do Ceará. Realizado sempre no mês julho, o festival tornou-se relevante, não somente pelo teor de suas canções e seus gêneros que eram maravilhosos, mas também por apresentar ao público artistas de renome nacional consagrados na época, além, como já dissemos acima, de revelar talentos que ainda hoje seguem sua vida musical de forma brilhante, afora a importância econômica que o festival trazia para Camocim.

Em face desse caráter diversional, social, cultural e econômico que os festivais traziam para a comunidade, algumas questões iniciais nos vêm à cabeça: quais os porquês da não continuação dos festivais? Por que as memórias e histórias dos festivais estão esquecidas? Onde estão as canções dos poetas e artistas? Por que a cidade, hoje melhor estruturada, não traz de volta os festivais? Por que atualmente os eventos culturais de massa se resumem, praticamente, ao Carnaval e ao Festival de Quadrilhas Juninas,

deixando de lado eventos históricos para Camocim, como era o caso dos festivais de música?

Este trabalho pretende dialogar com autores como Marcos Napolitano e Zuza Homem de Mello, relacionados na bibliografia, para compreendermos a música na história e a inserção dos festivais na história cultural do Brasil. Para entendermos um pouco a cena musical no Ceará e as suas correlações com os festivais do sul do país, utilizamos os escritos de Wagner Castro e Pedro Rogério referenciados ao longo do trabalho. No plano local, foi muito importante o trabalho que encontramos sobre o Festival de Música em Camocim, de Francisco Wendel de Paula Carvalho, único sobre o tema até agora que faz uma excelente recuperação descritiva das fontes das várias edições do festival.¹

Por falar em fontes, além das já mencionadas (principalmente jornais e transcrição de alguns depoimentos de participantes do festival), consultamos o arquivo da Secretaria da Cultura do Município, cujo acervo é muito escasso sobre o festival. Os poucos documentos que encontramos estavam dispersos e fragmentados. Utilizamos algumas fontes próprias e visitamos blogs locais que trazem algumas matérias sobre o tema, especialmente o *Camocim Pote de Histórias*².

Por outro lado, realizamos algumas entrevistas com compositores e músicos que participaram dos festivais, além de conseguirmos várias fotografias. Para a fonte oral, nos fundamentamos naquilo que Marieta Moraes Ferreira considera como recuperação de trajetórias das “experiências vividas” pelos mais diversos atores

1 CARVALHO, Francisco Wendel de Paula. *O surgimento do Festival de Música de Camocim/CE: resgatando a memória e a história cultural deste município*. Monografia. Curso de Música – Licenciatura. Universidade Federal do Ceará (UFC). Campus Sobral. 2018, p. 29. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/45301/1/2018_tcc_fwpcarvalho.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.

2 Blog de responsabilidade do professor e historiador Carlos Augusto Pereira dos Santos. Endereço: www.camocimpotedehistórias.blogspot.com.br.

sociais. Quanto ao uso das imagens fotográficas, comungamos com o seguinte entendimento:

Para Kossoy (2002), é justamente pela materialidade e pela representação a partir do real da imagem fotográfica que ela serve como documento real, isto é, como fonte histórica. Entretanto, Kossoy adverte que ao utilizar a imagem fotográfica como fonte deve-se levar em conta sempre o seu processo de construção, porque a imagem fotográfica é um documento criado e construído³.

Feitas essas considerações, a presente monografia está estruturada em três capítulos. O primeiro traz ligeiramente o surgimento dos festivais de música popular no Brasil, seus aspectos artísticos e a censura a essa produção musical. No segundo, procuramos entender as relações correspondentes entre esses festivais e a cena musical no Ceará, enfocando o grupo denominado “Pessoal do Ceará” e seus principais integrantes, de forma resumida. No terceiro capítulo, procuramos fazer uma descrição e um diálogo mais denso, visto que é o nosso principal objeto de estudo – o Festival de Música em Camocim em suas diversas edições, trazendo novas fontes, discutindo letras das canções e evidenciando as experiências de participantes do festival e nosso próprio envolvimento com o evento.

3 SÔNEGO, Márcio Jesus Ferreira. A Fotografia como fonte histórica. *Historiæ*, Rio Grande, v. 1, n. 2, p. 113-120, 2010, p. 115.

CAPÍTULO I

OS FESTIVAIS DE MÚSICA POPULAR NO BRASIL

Mesmo que, a partir da metade da década de 1960, o Brasil estivesse sob uma ditadura civil-militar, no plano econômico o país experimentava um desenvolvimento em sua economia que se consolidou por novos símbolos de modernidade. Não queremos discutir aqui a força desses símbolos e nem o conceito de modernidade, mas, trazendo para o campo das artes, podemos destacar que “essa renovação se deu em relação à ascensão da televisão enquanto novo veículo de comunicação capaz de remodelar o comportamento e a relação do público com os bens culturais produzidos naquela época”¹.

Um festival de música é um evento em que a principal atração é a cena musical, em sua maioria organizada tematicamente em torno de um gênero, nacionalidade ou localidade dos músicos. Normalmente são realizados em lugares públicos, trazendo atrações com artistas performáticos, dentre outras atividades de caráter social, comercial e cultural. No caso do Festival de Música em Camocim, de início se apresentou como uma atividade cultural de

¹ Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/festivais-no-brasil.htm>. Acesso em: 10 jan. 2020.

férias com abrangência regional, num interessante intercâmbio de artistas locais e regionais da cena musical, depois se ampliando, como veremos mais adiante.

Como afirma Mello (2010), a concepção de festival no Brasil e em outros países apresenta duas formas diferentes:

A primeira é a forma de reunir exposições artísticas durante um certo período, tendo como denominador comum um gênero musical, como o samba ou uma determinada área artística predominante como o teatro. Nesse modelo de festival não existe competitividade, sendo assim mais uma feira de amostra de um setor da arte. [...] O outro modelo de festival, cujo objetivo também é ir em busca de novas manifestações é marcado pela competitividade. Essa é a grande diferença. [...] Ora, como em música popular novas manifestações geralmente implicam em obras inéditas, quando se fala em festival de música popular no Brasil, a ideia é mesmo de uma competição de canções (MELLO, 2010, p. 13).

No Brasil, portanto, os festivais de música ficaram conhecidos como eventos culturais, em que as canções, compositores e intérpretes premiados passam por uma ou várias etapas da competição. Nesse formato, um dos primeiros festivais no Brasil aconteceu durante a Festa da Penha, no Rio de Janeiro, no início do século XX. A escolha das melhores músicas foi feita por populares. Após o surgimento do rádio, tornou-se um espetáculo com uma plateia de celebridades, empresários, entre outras personalidades. Com a chegada da televisão, esse tipo de evento se potencializou a ponto das próprias emissoras, como a Excelsior, Record e Globo, realizarem seus festivais, principalmente após o sucesso de programas musicais veiculados nessas emissoras voltadas para a música popular brasileira².

2 "Após o sucesso dos primeiros programas de TV voltados para a música, em especial Brasil 60, exibido na TV Excelsior e produzido por Manoel Carlos, Solano Ribeiro achou que era o momento de criar um festival brasileiro de música semelhante ao Festival de Sanremo". Para

Figura 1: Gil e Caetano (centro) apresentaram, no final de 1968, o programa *Divino Maravilhoso*, na TV Tupi, em que recebiam músicos como (da esq. para a dir.) Jorge Ben, Rita Lee, Gal Costa, (agachados) Sérgio Dias e Arnaldo Baptista.



Fonte: <http://memoriasdaditadura.org.br/>

Deste modo, em 1965, surgiu o 1º Festival de Música no Brasil, após o sucesso dos primeiros programas de TV voltados para a música, em especial *Brasil 60*, exibido na TV Excelsior e produzido por Manoel Carlos. Solano Ribeiro achou que era o momento de criar um festival brasileiro de música semelhante ao Festival de Sanremo³.

Mas os festivais de música no Brasil teriam suas peculiaridades. Se buscarmos a origem da palavra festival, a mesma vem do latim “*festivitas*”, significando tanto “um dia de festa”, quanto “uma maneira engenhosa de dizer”. Essa engenhosidade, pode-se dizer, esteve muito presente nos tempos áureos dos festivais da

mais informações sobre este início dos festivais, ver: <https://culturaalternativa.com.br/historia-dos-festivais-de-musica-no-brasil/>. Acesso em: 08 jan. 2020.

3 “O Festival de Sanremo (oficialmente Festival da canção italiana; *Festival della canzone italiana*) é considerado um dos mais importantes eventos de musicais do mundo e talvez o mais importante da Europa, principalmente por sua longevidade. É realizado sem interrupção desde 1951, antes mesmo da chegada da televisão na Itália em 1955”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_de_Sanremo. Acesso em: 09 jan. 2020.

década de 1960-70, principalmente se associarmos essa “maneira engenhosa de dizer” ao caráter crítico das letras e performances contra a ditadura civil-militar que vigorava naquele período.

Como exemplo emblemático dessa associação e percebido até hoje, temos a música “Para não dizer que não falei de flores” de Geraldo Vandré, também conhecida como “Caminhando”⁴, que até hoje é cantada nas passeatas e manifestações políticas, principalmente organizada por estudantes. Essa música concorreu no 3º Festival Internacional da Canção (FIC), em 1968, e ficou em segundo lugar, um pouco antes da vigência do Ato Institucional Nº 5 (AI-5), instrumento usado pelo governo ditatorial que decretou a censura absoluta, notadamente nos meios de comunicação, atingindo as manifestações artísticas, sobretudo a música⁵. O AI-5, da forma como foi executado, acabou decretando o fim dos festivais que ocorriam pelo país. Adiante discorreremos um pouco mais sobre este período de censura.

4 VANDRÉ, Geraldo. *Prá não dizer que não falei das flores*. São Paulo: Discos RGE –Fermata. 1979. LP.

5 “A classificação da música em segundo lugar, sendo a favorita disparada do público, rendeu episódios de fúria popular contra os jurados, xingados e com seus carros danificados à saída do evento. A atriz Bibi Ferreira, uma das juradas que tiveram seu carro atacado, deu a maior nota da noite à canção e saiu do estádio do Maracanãzinho decepcionada com o resultado. Ziraldo, por exemplo, outro dos jurados, deu nota 10 para “Caminhando” e 5 para as outras músicas, inclusive a vencedora. Apenas em 1991, Walter Clark, diretor-geral da Rede Globo de Televisão na época, a organizadora e transmissora do festival, revelou em sua autobiografia que a direção da emissora recebeu ordens do comando do I Exército para que nem “Caminhando” nem “América, América”, de César Roldão Vieira, extremamente críticas ao governo, vencessem o festival. Boni, o segundo em comando da rede, anos depois declarou que o júri tinha sido soberano e não sofrera nenhuma pressão, desconhecendo o fato narrado por Walter Clark. O festival foi vencido por Sabiá de Chico Buarque de Hollanda e Tom Jobim. Anos mais tarde, Boni confessou que “ver Tom e Chico sendo vaiados era doloroso e Vandré ter perdido dava uma sensação de vazio”. Fonte: NUZZI, Vitor. *Uma noite em 1968*. Rede Brasil. Atual.

Figura 2: Chico Buarque e o conjunto MPB-4 cantando “Roda Viva” no III Festival da Record



Fonte: alexandre.pavan.wordpress.com/2010/08/09/uma-historia-do-samba-parte-13/

Por outro lado, o fato dessa música ser considerada um hino de resistência à ditadura civil-militar tem a ver com um conjunto de imagens a ela associadas, como define Marcos Napolitano, que expande essa compreensão para outros sucessos musicais dos vários festivais que ocorreram no país:

Tomemos o exemplo do tom épico que a memória social costuma lembrar dos festivais da canção dos anos 60. Essa memória é inseparável do sentido das imagens televisivas destes eventos, que imortalizou uma determinada relação de artistas e plateia que foram socializados pela TV. Esta relação, ora de comunhão (o aplauso emocionado), ora de conflito (a “vaia”) é parte constituinte do sentido adquirido pelas “canções de festival” (A Banda, Disparada, Beto Bom de Bola, Ponteio, Alegria Alegria, Domingo no Parque, entre outras) e da forma pela qual elas se tomaram parte do imaginário de uma época. Neste caso, temos diversos elementos que tomaram parte na construção do sentido social, ideológico e histórico das canções: a performance cênico-musical do cantor (o gestual, a expressão do rosto, as inflexões

de voz), a performance interpretativa dos músicos (os arranjos, os vocais de apoio, os timbres principais, a distribuição no palco), o meio técnico... (NAPOLITANO, 2002, p. 88).

Mas, o que se cantava nessa época de ouro da música brasileira que acabou se manifestando nos chamados festivais populares da canção? A música brasileira da década de 1960 se constituía principalmente de quatro gêneros: Jovem Guarda, Bossa Nova, Tropicália e MPB, que, por sua vez, eram divididos em dois grupos: os “alienados” - Jovem Guarda e Bossa Nova e os “engajados” - MPB e Tropicália.

Aqui não queremos entrar na análise desses rótulos, mas, superficialmente, dizia-se que a música “alienada” preocupava-se com o ciúme da namorada, com a velocidade do carro, com o barquinho, a praia e o sol. Já a música “engajada” abordava temáticas de cunho social, valorizando aspectos regionais. Nesse sentido, as músicas da Jovem Guarda e da Bossa Nova eram consideradas apolíticas, no sentido mais exato da palavra. O rótulo de “alienado” e “apolítico” eram dados tanto à Jovem Guarda, por ser um subproduto do rock americano, quanto à Bossa Nova, por cantar o universo da classe média da zona sul carioca, respectivamente.

Como dissemos acima, vários foram os festivais realizados na década de 1960-70. Num dos mais famosos, o III Festival Internacional da Canção (1968. Pontifícia Universidade Católica (PUC)/SP), Caetano Veloso defendeu a música “É proibido proibir”⁶. A recepção do público não foi boa, por considerá-la “alienada”. No entanto, se analisarmos atentamente, essa música é um perfeito

6 “Me dê um beijo, meu amor/ Eles estão nos esperando/ Os automóveis ardem em chamas/ Derrubar as prateleiras/ As estátuas/ As vidraças, louças, livros, sim... E eu digo sim/E eu digo não ao não/E eu digo:/É! - proibido proibir/ É proibido proibir. É proibido proibir/É proibido proibir/ É proibido proibir”. Trecho da música “É Proibido Proibir”. Autor: Caetano Veloso. Fonte: VELOSO, Caetano. “É Proibido Proibir”. Festival de Música Popular Brasileira, TUCA, São Paulo, 1968.

exemplo de canção “engajada”, o que demonstra o quanto estes rótulos talvez não fossem bem compreendidos pelo público, visto que o próprio título foi extraído das palavras de ordem dos protestos universitários contra o autoritarismo que vinham ocorrendo em Paris, mais conhecido como ‘Maio de 68’. Em resposta às estrondosas vaias do público, Caetano deixou para a história um contundente discurso, que em seu trecho mais famoso dizia: “Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? [...] Se vocês em política forem como são em estética, estamos feitos!”.⁷

Para melhor visualização da quantidade e diversidade destes festivais, trazemos nos anexos deste trabalho uma relação dos principais eventos ocorridos no país, com as músicas vencedoras, compositores, etc.

A Censura

(Vocês) São a mesma juventude que vão sempre, sempre, matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem! Vocês não estão entendendo nada, nada, nada, absolutamente nada”, [...] “O problema é o seguinte: vocês estão querendo policiar a música brasileira”⁸.

No profético discurso transcrito acima, Caetano Veloso quer dizer que a censura atingia seu ápice, a ponto de a própria juventude não perceber quem era seu inimigo, fazendo as vezes de vigilante, de censor, caracterizado pelas vaias que recebera. Por outro lado, os organismos de censura do próprio regime militar utilizavam-se de:

[...] diversos métodos persecutórios para vigiar aqueles envolvidos com a música, programas de TV e rá-

⁷ Disponível em: <https://musicabrasilis.org.br/temas/festivais-da-cancao>. Acesso em: 23 out. 2019.

⁸ Trecho do discurso de Caetano Veloso no III Festival Internacional da Canção. (1968). PUC-SP. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/vidaarte/2018/02/e-proibido-proibir.html>. Acesso em: 30 out. 2019.

dio, comportamentos entre outros que lhes pudessem ser hostis. Nesse contexto, a utilização da censura com finalidade política tornou-se habitual, ampliando-se o raio de atuação da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP). Compositores, intérpretes e músicos se depararam com as limitações impostas pelo Regime Militar e muitos deles foram exilados, presos ou perseguidos (JESUS, 2015, p. 5).

Desse modo, o fim dos festivais se deu principalmente pela ação da censura durante o Regime Militar. Paradoxalmente, foi nesta época que se verificou um período muito fértil na música brasileira, posto que, diante da necessidade de “driblar” a censura, os compositores criaram inúmeras letras de fundo político traduzidas em metáforas poéticas. Por outro lado, com o início do AI-5, a situação ficou insustentável. Artistas foram interrogados e exilados. Chico Buarque, por exemplo, depois de preso e interrogado, exilou-se na Itália. Caetano e Gil não tiveram a mesma sorte. Depois de presos um tempo, foram obrigados a abandonar o país, estabelecendo-se em Londres até que pudessem voltar⁹.

Segundo o escritor, jornalista e produtor musical, Zuza Homem de Melo (2003), após a instauração do Regime Militar no Brasil, em 1964, uma parte da sociedade brasileira se levantou contra o amordaçamento da democracia no país, notadamente a juventude universitária. De 1965 a 1972 essa classe estudantil assumiu uma pressão que alcançaria proporções inéditas, concentrando-se numa arma jamais utilizada em confrontos semelhantes, que foram canções, cuja “munição” estava nas letras dos compositores de festivais.

Esse período notável tornou-se conhecido como a Era dos Festivais e, coincidentemente, foi durante esses anos que uma privilegiada geração de compositores e cantores surgiu de repente e de uma só vez, numa forma incomparável. E quase quarenta artistas, até hoje, estão na proa da música popular brasileira.

9 Para saber mais sobre este período, acessar: <https://musicabrasilis.org.br/temas/festivais-da-cancao>.

Para MELO (2003), ninguém imaginava que a vencedora do Primeiro Festival da TV Excelsior em 1965 iria mudar o rumo da música brasileira, segundo ele, pela forma com que Elis Regina interpretou *Arrastão*, de Vinícius de Moraes e Edu Lobo. Relembra ainda dos aplausos no meio da música, o que facilitou para que os jurados julgassem como a mais forte concorrente, destronando então as adversárias da linha da Bossa Nova.

Figura 3: Capa do disco trazendo em destaque Elis Regina e a música *Arrastão*, vencedora do I Festival da TV Excelsior (I Festival Brasileiro da Música Popular). 1965.



Fonte: musica.uol.com.br.

Dando um salto no tempo, na década de 1980, a exemplo dos vinte anos anteriores, o Brasil era movido por grandes acontecimentos. O regime de repressão já estava enfraquecido com a força dos movimentos populares que pediam o fim da Ditadura Militar e a volta da democracia. Mesmo diante de tanta repressão militar, a cultura brasileira estava em alta, a indústria fonográfica e televisiva também, aliás, nesse período, as duas cresciam de forma

conjunta, atribuindo-se esta ascensão aos festivais de música que eram realizados pelo país afora, entre eles podemos destacar: o Festival da MPB e o Festival da Canção, durante as décadas de 1960 e 1970. Esses dois festivais foram tão importantes que mais tarde virariam objetos de estudo para a própria história dos festivais. Por outro lado, a década de 1980 também testemunhou o ressurgimento dos festivais em outro contexto.

Marcos Napolitano (2006) relata que, a partir dos anos 1980, jornalistas, cronistas e pesquisadores começaram a pesquisar sobre a MPB e outros gêneros musicais, acompanhando assim a formidável valorização cultural do cançãoeiro nacional, fomentando uma elaboração de uma historiografia da música popular brasileira.

Dessa maneira, a reflexão sobre a música popular chegava aos anos 1980 tendo uma base ensaística e historiográfica ainda difusa e irregular, mas desempenhara um papel decisivo para quebrar as últimas resistências da opinião pública e dos setores mais intelectualizados sobre a urgência e a necessidade de se examinar as complexas questões que formatavam a vida musical brasileira. A partir de então, o pensamento sobre a música popular tornou-se mais especializado, e outros temas e personagens emergiram como temas de artigos, livros e teses (NAPOLITANO, 2006, p. 145).

Dada a sua importância, como já exposto, os festivais resultaram em inúmeras teses e livros. Aqui fizemos um breve resumo para compreendermos melhor como os festivais tiveram uma ampla aceitação de público e mídia e como os mesmos se inseriram no contexto político. No próximo capítulo discutiremos os festivais que aconteceram no estado do Ceará.

CAPÍTULO II

OS FESTIVAIS DE MÚSICA NO CEARÁ

No estado do Ceará, os festivais tiveram quase o mesmo contexto histórico dos ocorridos no resto do país, principalmente pelas datas em que ocorreram: décadas de 1960 e 1970. É bom esclarecer que falaremos neste capítulo sobre os festivais ocorridos em Fortaleza e, mais especificamente, do IV Festival da Música Popular Cearense, realizado em 1968, já que não temos fontes para falar de outros eventos semelhantes que ocorreram no interior do Estado, a não ser os festivais de música em Camocim, mas já nas décadas de 1980, 1990 e 2000, dos quais nos aprofundaremos no terceiro capítulo.

Os festivais ocorridos no Ceará também guardam questões como:

Qual o interesse de um artista em participar de festivais? Em Fortaleza, como se deu a convergência, transição e troca de experiências dos músicos e cantores originados do rádio nos idos dos anos 50, com outros artistas dos idos dos anos 60, com o surgimento da televisão, as tensões e embate entre os jovens artistas universitários? Qual a importância

para os novos artistas geralmente, oriundos da Universidade para a “nova” “Música Popular Cearense”, com os impasses surgidos com a Bossa Nova, Jovem Guarda, Tropicália e os festivais como meio de socialização, tensão, competição de músicos e divulgação dessas canções?¹

No Ceará, os festivais também tiveram seu ponto de partida em meados dos anos 1960. Em Fortaleza destacam-se os três festivais chamados de amostragem, produzidos pelo Departamento de Cultura do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno², patrocinados pela Secretaria da Educação do Município e realizados na Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará (UFC). Esses eventos ficaram conhecidos como I, II e III Festival de Música Popular Cearense. Organizados pela professora D’Alva Stela e pelo professor e pianista, Orlando Leite, a participação dos artistas nestes festivais se deu, principalmente, por cantores originados do rádio, como Moreira Filho e José Jataí. O primeiro se realizou em 1965 e homenageou os maestros, compositores e boêmios: Lauro Maia³ e Luiz Assunção⁴.

- 1 CASTRO, Wagner. Os Festivais de Música no Ceará. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editoriais/2.804/os-festivais-de-musica-no-ceara-1.673108>. Acesso em: 05 nov. 2019.
- 2 Com 81 anos de fundação, o Conservatório de Música Alberto Nepomuceno foi fundado em 26 de maio de 1938. O referido conservatório é referência de ensino musical no Ceará e conta, atualmente, com 25 professores, cinco funcionários e mais de 300 alunos. Disponível em: <https://tribunadoceara.com.br/diversao/agenda-cultural/conservatorio-de-musica-alberto-nepomuceno-comemora-80-anos-com-programacao-para-o-publico>. Acesso em: 18 jan. 2020.
- 3 Lauro Maia Teles (Fortaleza, 1913- Rio de Janeiro 1950). Compositor, arranjador e instrumentista, figura maior no campo da pesquisa musical folclórica. O cearense que criou o “balanço”. Pelo lado materno, era sobrinho-neto do Barão de Camocim. Hoje é nome de rua, condomínio e bar em Fortaleza-CE. Fonte: Wikipédia. Acesso em: 18 jan. 2020.
- 4 Luiz Assunção (São Luiz-MA, 1902- Fortaleza, 1987). Ao contrário do que muitos pensam, não é cearense e sim maranhense, nascido em São Luiz no começo do século XX. Veio para Fortaleza aos 26 anos e, mesmo amando seu torrão, adotou o Ceará, aqui constituindo família e permanecendo até sua morte. Desde seu desembarque na Ponte Metálica até o fim de sua vida, Luiz Assunção teve grande atuação e influência no nosso meio artístico, como pianista, maestro, carnavalesco e compositor. Legou-nos centenas de excelentes composições, tais como valsas, rancheiras, choros, sambas e baiões. Dentre essas podemos destacar ADEUS PRAIA DE IRACEMA, SÁ MARIQUINHA e VIVE SEU MANÉ CHORANDO, gravadas por grupos e cantores de renome, podendo citar de pronto, Ednardo, Dominguinhas, Trio Nagô, Quatro Ases e Um Coringa e outros que não me vem à memória. Disponível em: <https://>

Na sequência, ocorreu em 1968, o IV Festival, ocorrido em fins de novembro e início de dezembro. Nessa edição, algumas mudanças chamam atenção a respeito do evento. A primeira trata-se da modificação do nome: passa a se chamar IV Festival da Música Popular do Ceará; a segunda refere-se à característica do festival, que a partir desta edição passou a ser competitivo, com premiações em dinheiro (o primeiro classificado ganharia NCr\$ 500,00, além de outros brindes e cobertura pela imprensa)⁵. Os festivais também passaram a mirar no mercado midiático, além de estabelecerem outra novidade:

[...] unir cantores e compositores do rádio, como Heitor Catunda, o violonista Aleardo Freitas e Luiz Assunção; e jovens secundaristas, como Raimundo Fagner, Marcus Francisco, Pretextato Melo e Marcus Vale; e universitários, como Antônio Carlos Belchior, Jorge Melo, Gustavo Silva dentre Vale; universitários, como Antônio Carlos Belchior, Jorge Melo, Gustavo Silva dentre outros⁶.

Como dissemos acima, o IV Festival da Música Popular do Ceará teve ampla cobertura da imprensa. A competição musical realizou-se em duas etapas, nos dias 24 de novembro e 1º de dezembro de 1968, no Teatro José de Alencar. Conforme a imagem abaixo, percebe-se a cobertura que foi dada ao evento: a cada dia era publicada uma das vinte canções concorrentes, com uma pequena entrevista com os candidatos. Tudo isso era feito para buscar uma sintonia com o que vinha ocorrendo na cena musical do sul do país, como demonstra a fala do Presidente da Comissão

blogln.ning.com/profiles/blogs/luiz-assun-o-pianista-carnavalesco-bo-mio-e-compositor. Acesso em: 18 jan. 2020.

5 Além do dinheiro aos três primeiros lugares, foram ofertados ainda uma assinatura do jornal *O Povo*, um fogão a gás butano e uma máquina de costura. Cf.: Jornal *O Povo*, 2 de dezembro de 1968.

6 CASTRO, Wagner. Os Festivais de Música no Ceará. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/2.804/os-festivais-de-musica-no-ceara-1.673108>. Acesso em: 05 nov. 2019.

Coordenadora do Festival: "Tivemos que acompanhar a evolução da música popular brasileira que tem sido prestigiada pelo público com muita acolhida".⁷

Figura 4: IV Festival da Música Popular do Ceará.



PRIMEIRO PLANO CARLOS DÁLIA

1V festival da Música popular do Ceará

De acordo com o parecer final da Comissão Seletiva das composições inscritas no IV Festival de Música Popular do Ceará, a ser realizado no Teatro José de Alencar em duas exhibições: 24 de novembro e 1.º de dezembro, eis a relação das 20 escolhidas: "A Canção da Verdade" (Heitor Catunda e Alceário Freitas — Insc. 09); "A Canção de Estar Sôzinho" (Insc. 11); "Cal o Pano" (Jorge Melo — Insc. 17); "Já Não Canto ao Vento" (Preterido Melo Moreira — Insc. 31); "Conclamação" (Expedito Parente e Roberto Ponte — Insc. 50); "Nada Sou" (Raimundo Fagner e Marcus Francisco — Insc. 33); "Canto Primeiro" (Lauro Benevides e Eusélio Oliveira — Insc. 43); "Desafio Nordestino" (Marcelo Campos Barros — Insc. 44); "Não Ya Embora, Amor" (Girão O. Santiago — Insc. 34); "Se Deus Sabe Diz" (José Borges da Silva — Insc. 12); "O Samba" (Luís Assunção — Insc. 29); "Reflexão" (Gustavo Silva Júnior — Insc. 33); "Um dia não me encontraram" (Altevir Alencar e A. G. Melo — Insc. 36); "Voto do Ceará" (José Milton Sampa Sousa — Insc. 6); "Maria" (César Roussey de Oliveira — Insc. 75); "Diálogo do Amor Cantante" (Mareng Vale — Insc. 70); "Batuca Que a Noite é Morena" (Heitor Catunda — Insc. 10); "Espacial" (Antônio Carlos Belchior — Insc. 41); "Lamento Sertanejo" (Fábio Blum — Insc. 83); e "O Samba da Coluna" (J. Batista Santos — Insc. 21).

* Por outro lado, a Comissão Coordenadora do IV Festival de Música Popular do Ceará está convidando a todos os selecionados acima citados para se fazerem presentes, hoje, segunda-feira, às 20 horas, à Sociedade Musical Henrique Jorge, situada na rua

Solon Pinheiro, 60, quando vários assuntos serão tratados inclusive a data dos últimos ensaios.

* É bom que se diga: das 20 composições selecionadas, "Primeiro Plano" estará publicando diariamente a letra e uma pequena entrevista com os candidatos. Dai por que estamos pedindo o reconhecimento dos mesmos à redação de O POVO.

* Fizaram parte da Comissão Seleccionadora: Prof. Cleóbaldo Maia, Luís Róseo e Silva e Dina Piccinini.

* Em declarações a O POVO, que estará premiando ao 1.º classificado com uma assinatura, além dos NCr\$ 500,00 doados pela Secretaria de Cultura do Estado, disse o prof. Cleóbaldo Maia, presidente da Comissão Coordenadora que: "Procuramos fazer uma apreciação entre um perfeito acasalamento do verso com a música, evitando, no possível, as dispersões individualistas". E finalizou: "Tivemos que acompanhar a evolução da música popular brasileira que tem sido prestigiada pelo público, com muita acolhida".

* Dessa maneira, esperam os mentores do IV Festival de Música Popular do Ceará oferecer no Teatro José de Alencar um verdadeiro Show de Música Popular Brasileira.

* Em boa hora: É possível a desistência de qualquer um dos candidatos, oferecendo possibilidades a outros, conforme o regulamento do evento.

Fonte: Jornal O Povo, dez. 1968.

O IV Festival da Música Popular do Ceará, além das questões acima descritas, revelaria nomes de cantores e compositores como Raimundo Fagner e Belchior, que posteriormente se tornariam grandes ícones da música popular brasileira. Neste festival realizado em 1968, o grande vencedor foi Raimundo Fagner, com a música de sua autoria, *Nada Sou*, a qual transcrevemos sua letra como registro:

7 Jornal O Povo, Fortaleza-CE, dezembro de 1968.

Nada Sou

Eu não sou eu
Sou enxada no barro do chão, sou sertão.
Eu não sou fé
Sou pecado no corpo fechado de Lampião...

Sou espada,
Sou granada
Sou toada

Na voz do cansado cantador,
No grito do chato agitador
E pensando na morte que eu peço
Eu quero de volta o meu ingresso
E o chefe envolvido num processo...

No apito da fábrica apitando
Na canção que os meninos vão cantando
Sem saber que cantando vão chorando
Estefânia parou de cantar
Ouço o eco do chôro no mar...

No ronco dos carros na sesta
Cabeças de vento em festa
Alguém me pedindo perdão
Por falar e mandar sem razão
Não aceito motivo. Dou não...

Eu não sou eu
Sou panfleto voando e rolando do avião.
Eu não sou fé
Sou pecado de amor, resultando indecisão.

Sou espada
Sou granada,
Sou toada...

Eu não sou eu
Sou um deus a pedir um holocausto de outro deus
(bis)
Deus a deus
Deus a deus
Deus a deus.

Composição: Marcus Francisco / Raimundo Fagner⁸

8 <https://www.lettras.mus.br/fagner/635756/>. Acesso em: 18 jan. 2020.

Os resultados dos festivais nem sempre eram unânimes. Talvez por isso, alguns festivais criassem, à parte, o chamado júri popular, como forma de amenizar os resultados dos júris técnicos. Assim como a discordância vista nos festivais nacionais citados no primeiro capítulo, com vaías homéricas aos vencedores que não tinham o apreço do público presente, no IV Festival de Música Popular do Ceará, o público também reagiu com “vaías e gritos de ‘ladrão’, ‘idiotas’, ‘marmelada’”, quando foi anunciada a canção *Nada Sou* como vencedora, conforme noticiou o jornal *O Povo*, cuja notícia apresentamos na imagem abaixo:⁹

Figura 5: “Nada Sou” fanha o Festival de Música Popular do Ceará.

Fortaleza-Ceará — Segunda-feira, 2 de dez

“Nada sou” ganha o Festival de Música Popular do Ceará

Apitos, tambores, gritos, vaías, pistões, culca, aplausos, violão, réco-réco, ansiedade, “papagaio”, precariedade do serviço de som, grupos contra grupos, foram as características da Final do IV Festival de Música Popular do Ceará, promoção da Sociedade Musical Henrique Jorge, realizada ontem às 20h50m, no Teatro José de Alencar, quando “Nada Sou”, de Raimundo Fagner e Marcus Francisco, sagrou-se em primeiro lugar.

Os demais classificados foram: 2.º lugar, “Diálogo do Amor Cantante”, com 67 pontos, marcha-rancho de Isaíra Silvino e Marcus Vale; 3.º lugar, “Canção de Estar Sózinho”, 64 pontos, serenata de José Silvino e Antônio José Silvino; 4.º lugar, “Canto Primeiro”, 63 pontos, toada de Eusélio Oliveira e Lauro Beneditos; 5.º lugar, “Maria”, 60 pontos, samba de Cesar Rousseau.

AS CAMPEAS
Com uma menção honrosa ao consagrado compositor Luís Assunção, por sua concepção de “O Samba”, o público esplodiu em vaías e gritos de “ladrão”, “idiotas”, “marmelada” quando foi dado o seguinte resultado: 1.º lugar: “Nada Sou” (NCr\$ 500,00 da Secretaria de Cultura do Estado e uma assinatura anual de O POVO); 2.º lugar “Diálogo do Amor Cantante” (NCr\$ 500,00 da Secretaria Municipal de Educação e Cultura); 3.º lugar: “Canção de estar Sózinho” (NCr\$.... 300,00 da Sociedade Musical Henrique Jorge); 4.º lugar: “Canto Primeiro” (um fogão a gás butano); 5.º lugar: “Maria” (uma máquina de costura).



Fonte: Jornal O Povo 2 dez. 1968.

9 Jornal O Povo. Fortaleza-CE, segunda-feira, 02 de dezembro de 1968.

Como dito acima, os estudantes secundaristas, Raimundo Fagner e Marcus Francisco, foram os vencedores deste festival com o samba *Nada Sou*. Essa conquista foi primordial na carreira artística de Fagner que, com a vitória, decidiu-se de vez pela música e se integrou ao movimento artístico que ficou conhecido no eixo sudeste / sul como “Pessoal do Ceará”, uma turma de músicos e artistas cearenses que tinha Belchior, Ednardo, Jorge Melo, Rodger Rogério, Teti, dentre outros¹⁰.

Não pretendemos discurrir sobre este grupo denominado “Pessoal do Ceará”, mesmo porque a composição, atuação e mesmo questões de identidade desse grupo extrapolam ao universo dos festivais. Para efeito ilustrativo, apresentamos o grupo:

- Os músicos e compositores Manassés, Petrúcio Maia, Ricardo Bezerra, Cirino; e os letristas Fausto Nilo, Augusto Pontes e Brandão;
- As cantoras Têti e Amelinha.
- Outros nordestinos parceiros em composições e gravações: os piauienses Jorge Mello, Clodo, Climério e Clésio; os músicos Hermeto Paschoal (alagoano), Robertinho de Recife, Naná Vasconcelos e Dominguinhas (pernambucanos); os letristas Capinam (baiano) e Ferreira Gullar (maranhense); os compositores pernambucanos Alceu Valença e Geraldo Azevedo e os paraibanos Zé Ramalho e Vital Farias. De outras regiões, a cantora Nara Leão (capixaba) e os letristas Abel Silva e Ronaldo Bastos (cariocas)¹¹.

Voltando aos festivais de música no Ceará é importante ressaltar suas realizações nos clubes cearenses e a cobertura dos mes-

10 Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/2.804/os-festivais-de-musica-no-ceara-1.673108>. Acesso em: 05 nov. 2019.

11 Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/31818/1/2012_eve_nbcosta.pdf; Acessado em 18/01/2020. Por outro lado, sobre este grupo, vários trabalhos acadêmicos tratam sobre sua criação, atuação musical e discografia. Ver, por exemplo: ROGÉRIO, Pedro. *Pessoal do Ceará: formação de um habitus e de um campo musical na década de 1970*, uma produção de um dos integrantes do grupo. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3147>.

mos pela imprensa, agora ampliados regionalmente, se tornando “nordestinos”. A citação abaixo dá uma ideia desta amplitude:

Em 1969, tardiamente, os festivais de música alcançavam um caráter midiático, televisivo em Fortaleza, com os Festivais Nordestinos da Música Popular promovidos pelos Diários Associados e realizados em quatro eliminatórias no Clube do Náutico Atlético Cearense, com transmissão da TV Ceará e da Ceará Rádio Clube. O jornal Correio do Ceará, pertencente ao grupo dos Diários Associados, fez a cobertura das quatro eliminatórias em Fortaleza dos quatro festivais.

Os Festivais Nordestinos

No I Festival Nordestino da Música Popular, o jornal faz referência às canções: Chapéu de Palha, de Ednardo, Bai, Bai Baião (Rodger Rogério / Dedé Evangelista) e Boca de Forno (Tânia Barbosa de Araújo), ambas interpretadas pelo consagrado cantor Ray Miranda. Bai, Bai, Baião representou o Ceará na grande final desse festival competitivo e classificatório em Recife, empatando em segundo lugar com a canção Poema do Chapeuzinho Vermelho dos baianos, Alcivando Luz e Jairo Simões¹².

Seguindo no tempo, em 1971, esses festivais teriam prosseguimento:

Em outubro de 1971, foi realizado o III Festival Nordestino da Música Popular pela documentação conseguida no jornal “Unitário” (19/10/71), Ednardo classificou-se, na final de Fortaleza em segundo lugar com a canção, Além Muito Além.

Naquele momento, os Diários Associados já com problemas financeiros, notadamente pela ascensão da TV Globo, não tinham mais como organizar e divulgar festivais. Além disso, não representavam

12 Disponível em: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/editorias/2.804/os-festivais-de-musica-no-ceara-1.673108>. Acesso em: 05 nov. 2019.

mais a grande mídia e nem era vislumbrada como investimento e interesse da indústria cultural pelos artistas vencedores dos seus festivais¹³.

Fora deste universo da capital não encontramos muitas fontes que pudessem informar sobre outros festivais ocorridos no interior do estado do Ceará, embora que, bem mais perto de nós geográfica e cronologicamente, podemos discorrer algumas linhas sobre o Festival Musical do Mandacaru, que aconteceu entre os anos de 1975 a 1978 na cidade de Sobral, nas dependências do Teatro São João¹⁴. O referido festival foi coordenado pelo compositor Haroldo Holanda e Clodoveu Arruda. Haroldo Holanda também “chegou a participar como compositor e intérprete nesse mesmo festival”.¹⁵

Na impossibilidade de pesquisarmos neste município ou até mesmo entrevistarmos algum artista que participou desse festival, ficamos com uma pequena nota da chamada do programa *Sons dos Festivais*, da rádio FM Assembleia (96,7MHz), em junho de 2017:

O programa Sons dos Festivais da rádio FM Assembleia (96,7MHz) apresenta, nesta quarta-feira (14/06), o Festival Musical do Mandacaru, com edições realizadas de 1975 a 1978, no Teatro São João, em Sobral.

O Festival do Mandacaru recebia inscrições de compositores de todo o Ceará e acabou se tornando um evento de grande âmbito na música estadual. Revelou o talento do Quinteto Agreste, Abidoral Jamacaru,

13 Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/2.804/os-festivais-de-musica-no-ceara-1.673108>. Acesso em: 05 nov. 2019.

14 O Teatro São João teve sua pedra fundamental lançada em 3 de novembro de 1875, e os trabalhos de construção foram imediatamente iniciados sob a orientação do mestre de obras Isidoro Gomes da Ponte. Durante todo ano de 1877, por motivo da seca, as obras sofreram sucessivas paralisações. Mas, apesar das dificuldades, o teatro foi inaugurado no dia 26 de setembro de 1880. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/sobral-teatro-municipal-sao-joao#!/map=38329&loc=-3.687596000000103,-40.346935999999999,17>. Acesso em: 19 jan. 2020.

15 Disponível em: <http://musicadoceara.blogspot.com/2008/07/haroldo-holanda-personagem-da-cultura.html>. Acesso em: 18 jan. 2020.

Laerte Melo, Calé Alencar, Caio Sílvia, Vicente Lopes, Ana Fonteles, Tazo Costa, Pachelly Jamacaru, Eugênio Stone, Jáder de Menezes, Artêmio Prado, Crisanto Gomes, João Rodrigues, Mona Gadelha, Jefferson Aragão, Cícero Paiva, entre tantos outros artistas¹⁶.

O mesmo programa radiofônico acima destacado entrevistara dois anos antes, em 2015, um dos mais destacados participantes deste festival: o cantor e compositor Vicente Lopes, que venceu o Festival Musical Mandacaru em três oportunidades.

Vicente Lopes participou também de festivais em Sergipe e na Bahia: Festival Canta Nordeste com “Pássaros Azuis”, Festival de Vitória da Conquista com “Painel” e de festivais no sudeste do País. Ele foi um dos destaques do movimento musical Massafeira, que reuniu em 1979, no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, mais de duzentos artistas cearenses¹⁷.

Feito este breve percurso dos festivais musicais no Estado do Ceará, no próximo capítulo discutiremos como esta onda musical, embora tardia, chega a Camocim e de como este festival se torna, de um pequeno evento circunscrito à cidade e aos municípios vizinhos, num evento que coloca novamente o Ceará na cena musical nacional.

16 Disponível em: <https://www.al.ce.gov.br/index.php/ultimas-noticias/item/65411-1406sc-sons-dos-festivais>. Acesso em: 11 jan. 2020.

17 Disponível em: <https://al-ce.jusbrasil.com.br/noticias/131294615/compositor-vicente-lopes-e-o-convidado-do-sons-dos-festivais-desta-quarta-feira>. Acesso em: 19 jan. 2020.

CAPÍTULO III

O FESTIVAL DE MÚSICA EM CAMOCIM.

A chegada do Festival de Música em Camocim

O Festival de Música em Camocim foi uma iniciativa no campo da cultura local, que ocorreu há mais de trinta anos. Em junho de 1986, ano da primeira edição, a cidade entrou em ebulição, culturalmente falando, colocando Camocim na mídia cearense e recebendo intensos elogios. Logo, o festival tomou outras proporções e, no final dos anos 1980, já saía do formato inicial, realizado na Quadra de Esportes do SESI, e se profissionalizava, digamos assim. Todo o processo de produção ficava a cargo de empresas especializadas neste tipo de evento, localizadas em Fortaleza. A partir de então o festival ganhou dimensão nacional, fechando o último dia com uma atração da MPB nacionalmente conhecida¹. O festival era muito aguardado em Camocim por poetas, letristas e músicos,

¹ “Alguns artistas e bandas renomados da música brasileira e da música cearense passaram pela cidade de Camocim, levando a população a apreciar suas canções e ter um contato mais próximo com seus trabalhos artísticos, tais como: Belchior, Teti, Rodger Rogério, Luís Caldas, Chico Pessoa, Asa de Águia, Banda Eva, É o Tchan, Cidade Negra dentre outros”. In: CARVALHO, Francisco Wendel de Paula. *O surgimento do Festival de Música de Camocim/CE: resgatando a memória e a história cultural deste município*. Monografia. Curso de Música – Licenciatura. Universidade Federal do Ceará (UFC). Campus Sobral. 2018, p. 29. Dispo-

porque era um momento que estes artistas procuravam mostrar seus talentos de forma a convencer seus espectadores. No período de 1986 a 2003, este evento se tornou um dos grandes festivais de música do Ceará, abrindo portas para artistas da terra e região.

O Festival de Música em Camocim, portanto, foi um certame musical competitivo que aconteceu, como dissemos acima, entre os anos de 1986 a 2003 na cidade de Camocim (CE), localizada na região Norte, a 365 km de Fortaleza. O festival foi criado na administração da prefeita Ana Maria Beviláqua Moreira Veras (1983-1988), na época filiada ao Partido Democrático Social (PDS). No tempo dos festivais em Camocim, o município, apresentava uma população de 46.004 habitantes². Como atividades econômicas, por ser uma cidade praiana, o município se destacava como um polo pesqueiro, especialmente do pargo e da lagosta, a exploração das salinas e a agricultura. O turismo na época ainda era incipiente, mas atualmente se abre como uma ótima perspectiva de desenvolvimento, na criação de uma nova fonte de renda.

Certamente, amante da arte e da cultura e com um olhar empreendedor, Ana Maria (como é mais conhecida no município) foi prefeita de Camocim entre os anos 1983 a 1988, cujo *slogan* de sua administração foi – “Seis Anos com Amor”. À frente da Prefeitura Municipal transformou sua gestão num marco que deixou um grande legado para a nossa cidade, não apenas pelo fato de ter se tornado a primeira mulher a administrar o município³, aconte-

nível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/45301/1/2018_tcc_fwpcarvalho.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.

- 2 Nas décadas seguintes, de 1990 e 2000, a população era 49.606 e 55.448 habitantes, respectivamente. Fonte: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/popce.def>. Acesso em: 19 jan. 2020.
- 3 Não somente, a prefeita era mulher como vários outros cargos importantes da administração municipal e repartições estaduais, federais e privadas eram ocupados por mulheres. Este fato chamou a atenção da extinta *Revista Manchete* que em 1987 publicou alentada reportagem que destaca essa presença feminina no município. Camocim ficou conhecida, portanto, como a “A Cidade das Mulheres”, capitaneada pela então Prefeita Ana Maria Veras, que tinha no seu staff várias colaboradoras na administração municipal na figura de secretárias, diretoras de escolas, dentre outros. Mulheres também ocupavam a direção de órgãos o INPS, COELCE, SESI, Delegacia do Trabalho, Promotoria, etc. Fonte: *Revista Manchete* Nº 1813, de 17 jan. 1987, p. 64-8.

cimento quase inédito para aquela época, num período de ditadura civil-militar no Brasil, onde as mulheres começavam a buscar maiores espaços na sociedade e na política, mas, principalmente, por impulsionar a história da música e da arte, com a criação do Festival de Música em Camocim e outros eventos na área, como o Festival de Violeiros, o Salão de Artes Plásticas, o Festival de Quadrilhas Junina⁴, estes dois últimos ainda hoje realizados.

Talvez poucas pessoas pensaram que um evento de férias iria ter uma trajetória de dezessete anos. Numa comparação com o que disse Zuza Homem de Melo, quando se referiu ao primeiro festival de música no Brasil, que ninguém imaginava que aquele evento mudaria a música brasileira, da mesma forma aconteceu com o festival realizado na Quadra de Esportes do SESI, entre os dias de 11 a 14 de julho de 1986. O evento mudou o rumo da música local e regional. Jornais da capital deram destaque sobre este primeiro festival. Era um começo:

Figura 6: I Festival de Música de Camocim. Na foto a prefeita Ana Maria Beviláqua Moreira Veras.



Fonte: Jornal Tribuna do Ceará, junho de 1986. Arquivo: Biblioteca Menezes Pimentel. Matéria cedida gentilmente pelo historiador Alênio Carlos Noronha Alencar.

⁴ No ano de 2019, foi realizado o XXXI Salão de Artes Plásticas de Camocim, cuja tela vencedora foi “Contos Camocinenses”, de autoria do pintor coreauense, radicado em Camocim, Chagas Albuquerque. Fonte: <http://camocimpotedehistorias.blogspot.com/2019/09/>. Acesso em: 19 jan. 2020.

Não sabemos se a ideia da prefeita de realizar o festival foi motivada pelo exemplo dos grandes musicais já consagrados no sudeste do país, como era o caso dos Festivais da Canção de 1968, da Globo e da Record, todos com sucesso no rádio e na televisão, que há anos conquistara o público por revelarem grandes intérpretes e canções espetaculares que até hoje são referências nacionais e por provocarem uma onda de movimentos cultural e social pelo o Brasil afora. Ou que talvez, conhecedora do potencial de artistas locais, quisesse evidenciar e valorizar estes talentos. O certo é que esta ideia foi um grande sucesso.

O Festival de Música de Camocim, apesar das muitas dificuldades para sua realização, nasceu já com uma proposta de evento grande. A escolha das músicas seguia o modelo dos festivais do sul, como o Festival da Canção de 1968, sendo disputado com duas eliminatórias e uma finalíssima. O evento também procurava valorizar o potencial dos artistas locais, como podemos conferir numa matéria sobre o tema no blog *Camocim Pote de Histórias*, de responsabilidade do historiador e também compositor participante de algumas edições do Festival de Música em Camocim, Carlos Augusto Pereira dos Santos. Ele, sempre com seu olhar voltado para as belezas do município, contribuiu um pouco para a história do certame musical.

Lembro-me como se fosse hoje. O ano era 1986. Local: Quadra do SESI. Iniciava-se ali a primeira edição do Festival de Música em Camocim. [...]. Quando ainda tinha tempo de compor, andei arriscando umas letras com o saudoso músico camocinense Rildo Vilela ("Camocim", segundo lugar em 1992) e com Naldinho ("Tupicália" e Camocim-CE"). O festival era um momento aguardado em Camocim por poetas, letristas e músicos. Artistas da música e da poesia como Batista Sena, Marcílio Homem, Stanley, Evanmar, Naldinho, César Augusto, R.B.Sotero,

dentre outros, procuravam mostrar seus talentos e comover os espectadores. Todo mundo ficava esperando as músicas dos artistas locais e as atrações de outros estados. O tempo foi passando e como tudo que é bom para esta cidade, os próprios políticos tratam de pôr um fim. O Festival de Música foi um deles. Enquanto esperamos seu resgate novamente, o *blog* recupera a primeira notícia veiculada pelo jornal *Tribuna do Ceará* sobre o evento⁵.

Neste exercício de relembrar o I Festival de Música de Camocim, além do texto escrito acima, recorremos ao que a imprensa da capital noticiou. O jornal *O Povo* estampou em seu Caderno Regional, uma reportagem relatando que a festa começou na noite do dia 11 de julho, tendo como local de realização a quadra de esportes do Sesi, que, na ocasião, encontrava-se superlotada pela população camocinense. CARVALHO (2018) baseado nesta fonte jornalística relata:

O ginásio do Sesi estava lotado e podia-se notar a presença das torcidas com suas batucadas e o seu canto livre que cuidavam de criar o clima indispensável nesse tipo de certame, onde as torcidas se confundem num só objetivo: torcer por sua música favorita. Jovens e adultos, homens e mulheres, todos se igualavam pelo calor da alegria e o desejo da participação⁶.

O jornalista da reportagem acima referida arremata, meio embevecido com o que estava presenciando: o renascimento, na cena musical, dos festivais, com seu caráter de contestação. Ou seria apenas uma elaboração nostálgica? Vejamos:

5 SANTOS, Carlos Augusto P. dos Santos. Os festivais de música em Camocim. 12 de setembro de 2011. Blog Camocim Pote de Histórias. Disponível em: www.camocimpotedehistórias.blogspot.com.br.

6 Jornal O Povo, 15/07/ 1986. *Apud* CARVALHO, Op. Cit., p. 30.

Há muito tempo não se via um acontecimento de tamanho porte, um esquema perfeitamente organizado, nos mínimos detalhes, digno de uma grande cidade, fazendo reviver os velhos festivais que, em tempos obscuros que vivemos, há bem pouco tempo foram sufocados pelo medo de serem ouvidas as verdades contidas nas letras e nas músicas, através do pensamento de uma juventude que cobra o seu espaço e luta pela democratização de um povo. Falando, cantando, escrevendo as idéias dessa gente significam um risco para os costumes ditatoriais que hoje, começam a esvanecer⁷.

A vencedora do 1º Festival de Música em Camocim foi “Os Meninos”, dos irmãos Edmar Gonçalves e Mano Alencar. De que maneira a letra desta música contempla o discurso traçado na citação acima? Em 1986, se a ditadura começava a “esvanecer”, no sentido que seus efeitos já não eram tão sentidos pela população, notadamente a local, pelo menos, de nossa parte, percebemos uma mensagem recheada de metáforas. Transcrevemos abaixo para que o leitor tire suas próprias conclusões.

Os Meninos

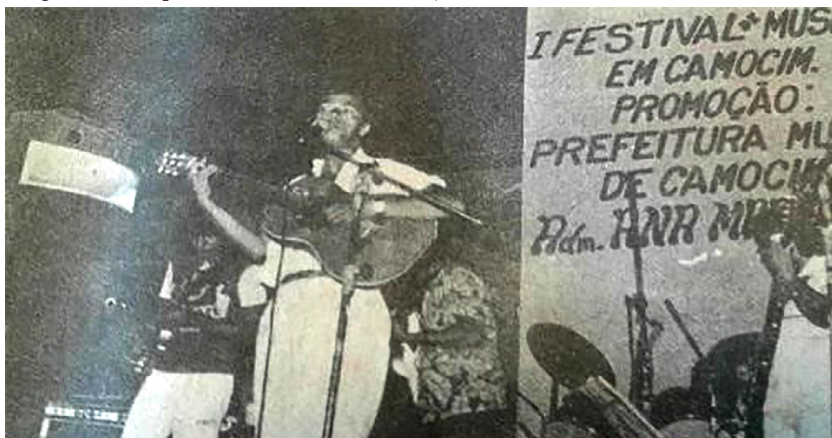
Edmar Gonçalves e Mano Alencar

Olha os meninos
Que correm e gritam
Soltando as raíais
São donos das ruas
Amigos do sol, do vento e da lua
Com seu encerol, buscam seu papel por um pedaço do céu.
E em seus lanceios, desejos floram, pairam no ar.
Bolas, baladeiras, bодоques, bolas de gude joga ali.
Esperança é certeza
E sonhos sempre nascem da linha.
Olha os meninos...⁸.

7 *Jornal O Povo*, 15/07/1986, p. 10, *apud* CARVALHO, *Op. Cit.*, p. 29-30.

8 Letra nos cedida pelo próprio autor para citação neste trabalho, em 11 dez. 2019

Figura 7: Compositor e cantor Edmar Gonçalves. I Festival de Música de Camocim.



Fonte: CARVALHO (2018).

CARVALHO (2018) traz ainda uma fotografia da apresentação do vencedor do Primeiro Festival de Música de Camocim, Edmar Gonçalves (foto acima). Ao fundo do palco, se percebe a maneira amadorística de apresentar o evento pelo letreiro. Nos festivais posteriores, foram apresentados cartazes e logomarcas mais elaborados graficamente. Infelizmente não encontramos esse tipo de material, além do que ilustrou o VIII Festival de Música em Camocim em 1993.

Figura 8: Adesivo do VIII Festival de Música de Camocim.



Fonte: Arquivo do Blog Camocim Pote de Histórias.

Aqui cabe uma pequena explicação metodológica. Quando começamos a pensar a execução dessa pesquisa, pretendíamos realizar um mergulho na documentação do festival. Contudo, não encontramos quase nada na Secretaria de Cultura do Município, já que os arquivos dos festivais (documentais, iconográficos e audiovisuais) ficavam com as empresas que os organizavam. Pelo menos é isso que dizem nos órgãos oficiais de Camocim. Por outro lado, na pesquisa sobre o tema, nos deparamos com uma monografia, já referenciada neste trabalho, do acadêmico do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará (UFC), Francisco Wendel de Paula Carvalho, intitulado: “*O surgimento do Festival de Música de Camocim/CE: resgatando a memória e a história cultural deste município*”. Este trabalho recupera em muito a cronologia dos festivais, a relação das músicas, artistas e compositores, vencedores e alguns aspectos de cada edição. Com certeza, é um trabalho que o Festival de Música em Camocim estava precisando para o bem de sua história. Não sabemos se o mesmo utilizou de outras fontes e arquivos para fazer essa descrição pormenorizada da maioria dos dezessete festivais, além dos jornais e de vários depoimentos de participantes recolhidos pelo Professor Paulo Clesson dos Santos num projeto desenvolvido por ele no Liceu de Camocim no ano de 2013. Este projeto foi notícia no blog *Camocim Pote de Histórias*, que transcrevemos abaixo e a referida logomarca do evento:

Muito me honrou o convite dos alunos e professores do Liceu de Camocim Deputado Murilo Aguiar para comparecer ao I FESTIVAL DE MÚSICA DO LICEU DE CAMOCIM. Revivendo a História, Renovando Talentos. O mesmo ocorrerá hoje, 24 de setembro às 19h no pátio desta unidade escolar. Na oportunidade haverá apresentação dos nossos jovens talentos e premiação para os ganhadores. Além deste evento, alunos e professores estão produzindo

um documentário sobre as memórias dos festivais de outrora, para o qual fui entrevistado recentemente. Louvamos a iniciativa deste grupo, pois alia as recordações dos antigos festivais com a musicalidade dos jovens talentos do Liceu. Acreditamos que com isso se possa recuperar este importante evento para o calendário turístico de Camocim e promover a descoberta de grandes talentos para a música local⁹.

Dez anos depois do fim dos festivais, a chama da música ainda estava presente na ação pedagógica do Prof. Paulo Clesson dos Santos, um dos idealizadores do evento que teve outras edições no âmbito escolar. A logomarca, em sua singeleza, traz símbolos que identificam nossa cultura: o violão, a vela das embarcações e as ondas mar.

Figura 9: Logomarca do evento.



Fonte: <http://liceucamocim.blogspot.com.br>.

9 SANTOS, Carlos Augusto P. dos. Estudantes e professores do Liceu de Camocim revivem o Festival de Música. Blog *Camocim Pote de Histórias*, Terça-feira, 24 de setembro de 2013.

Neste sentido, ficamos pensando o que acrescentar neste trabalho para além do esforço feito por Francisco Wendel de Paula Carvalho? Referir-se à documentação por ele usada seria repeti-la à exaustão. Por outro lado, ele trabalha também com o conceito de memória, explorando muito bem os depoimentos de antigos participantes desse festival cedidos pelo Professor Paulo Clessen dos Santos, como já foi dito. Nossa saída, portanto, pelos aspectos da memória, foi relembrar nosso próprio envolvimento com essa cena musical (e de outros indivíduos que conseguimos entrevistar pessoalmente), não somente do festival, mas do que ele proporcionou enquanto troca de experiências e formação musical. Usaremos ainda alguns documentos referentes ao tema como letras de músicas não usadas no trabalho de Francisco Wendel de Paula Carvalho.

Dessa forma, ao usarmos a oralidade, nos apoiamos no que Ferreira *et al.* (1994) destacam sobre as possibilidades que a história oral pode trazer para a escrita da história, trazendo as experiências vividas pelos mais diversos atores sociais. Neste sentido, os depoimentos ajudam a recuperar a trajetória “dos grupos excluídos, cujas fontes são especialmente precárias” (FERREIRA *et al.*, 1994, p. 09). A história oral, portanto, é eficaz não somente para a coleta de informações sobre determinado tema, mas proporciona um contato direto entre pesquisador e depoentes. No nosso caso, ter este diálogo com outros participantes dos festivais, nos permitiu também lembrar e relembrar momentos daquela realidade vivida, recuperando os bastidores daquele evento e detalhes minuciosos que estavam no esquecimento.

O Festival de Música em Camocim: a oralidade e os bastidores

A música é celeste, de natureza divina e de tal beleza que encanta a alma e eleva acima da sua condição.

Aristóteles.

Até agora vimos nos expressando em terceira pessoa do plural. Aqui peço permissão para usar a primeira do singular quando for eu que estiver lembrando. Por outro lado, não vou usar o recurso da citação de mim mesmo, mas o texto virá em itálico para se diferenciar da escrita da monografia.

Então era realmente de encher os olhos ao ver tamanha satisfação por parte da população camocinense em geral, tanto da sede como na zona rural. Lembro que eu era ainda um adolescente com apenas 15 anos de idade, mas, no entanto, já louco por música, e no Boqueirão dos Dourados, minha localidade, sem energia elétrica e obviamente sem televisão, as informações do Festival, como tantas outras, chegavam até nós por meio das ondas do rádio: Rádio Pinto Martins, 1450 AM, e Rádio União, 820 também AM, as únicas existentes na cidade. Lembrando que ambas disputavam, há algum tempo, a maior audiência no horário da manhã com os radialistas Cardoso Filho e Inácio Santos, respectivamente.

Mas era exatamente na Rádio União, no programa Show da Cidade, do grande radialista, escritor, poeta e compositor, Inácio Santos, em atividade até hoje, que ouvíamos as entrevistas dos artistas, músicos, compositores e intérpretes participantes do Festival. Era lá também que conhecíamos as músicas concorrentes de cada noite, as classificadas, as finalistas e as análises dos organizadores. Para mim era algo muito fascinante e, ao pé do rádio, acompanhava tudo aquilo sempre com muita atenção. Era como se algo me dissesse que

um dia, anos mais tarde, eu viria a tornar também, com muito orgulho, um participante desse grandioso evento, podendo assim conhecer muita gente boa, que por ali passara nos divertindo, pessoas com as quais tive a felicidade de aprender muito.

Lembro que, quase todos os dias, eu ia do Boqueirão dos Dourados pedalando minha bicicleta, por exatos 15 Km, até o cais do porto levando nas costas um desgastado violão trovador comprado para aperfeiçoar alguns acordes que, quando garoto, aprendi com um velho amigo do meu pai. Foi nessa época que tive o prazer de conhecer três grandes mestres do violão e das serestas, Benoni, Botafogo e Vinicius. A partir daí passei a acompanhar assiduamente os acontecimentos da cultura local de forma mais abrangente, como forma de valorizar todo aquele trabalho desenvolvido pelo município em prol da arte camocinense. Foi assim que testemunhei a criação/surgimento de outros projetos como por exemplo; o Show de Novos Talentos, o espaço cultural do saudoso amigo BS ou Batista Sena, o Salão de Artes, o próprio Festival de Violeiros, realizado sempre no primeiro de maio, numa alusão também ao Dia dos Trabalhadores, e os Guerreiros do Boqueirão e Banda da Lua, um grupo de folclore criado por mim e pelo artista plástico, Antônio Jader Pereira, o Dim Brinquedim. Lembrando que, na época, Dim ainda dava seus primeiros passos em busca do sonho da fama e do reconhecimento que o mesmo tem atualmente e de forma merecida¹⁰.

Sempre seguindo o regulamento do certame, cada um poderia escrever duas músicas gravadas em Fita K7, sendo que apenas uma seria classificada. Feita a inscrição todas elas eram levadas para Fortaleza, sede da produção. Lembro que a espera do resultado era tensa e aguardada com muita ansiedade pelos candidatos, até que o jornal publicasse e fosse divulgada a lista nas rádios da cidade. Nes-

10 Antonio Jader Pereira dos Santos, Dim Brinquedim é um artista camocinense nacional e internacionalmente conhecido. “[...] nasceu em 1967, em Camocim, Ceará. Dim teve uma infância rica em experiências e não só desfrutava da companhia de sua família, muitos deles artesãos, como aproveitava da vida em comunidade que a cidade pequena pode proporcionar e circulava livremente pelos ateliers e oficinas dos vizinhos do Cruzeiro, seu bairro”. Disponível em: <http://cacholamagica.blogspot.com/2013/02/dimbrinquedim.html>. Acesso em: 20 jan. 10.

se tempo circulavam ainda por aqui a Tribuna do Ceará, O Povo, por último o jornal Diário do Nordeste. Para os mais apressados era só se dirigir até a banca do Marcos Jornaleiro e conferir o resultado.

E foi assim que eu vivi também minha primeira experiência na história do festival ou talvez a maior de todas. O ano era 1993, VIII Edição, depois de passar pela mesma tensão, ansiedade e angústia de esperar, pude experimentar também a euforia da classificação para o maior evento da minha cidade: o festival de música, mesmo sem experiência ou preparação para tal feito.

Ainda hoje guardo o recorte do jornal Diário do Nordeste:

Figura 10: Relação das músicas classificadas para o VIII Festival de Música de Camocim. 1993.



Fonte: Jornal *Diário do Nordeste* 1993. Arquivo do autor.

Além deste que vos escreve (Fuga do Leão – Francisco Sílvio da Paz), os artistas da terra figuraram na lista: Batista Sena (Promessa a São Pedro e Amor Navegante)¹¹; Francisco Barbosa do Nascimento (Chico Sabiá) / (Já Joguei a Chave Fora); César Augusto/Roberval Souza/Carlos Augusto¹² (Em Busca das Cores); Carlos Evanmar Moreira (Camocim Minha Cidade) e Carlos Augusto P. dos Santos e Naldinho (Camocim Ceará) .¹³ “Camocim-Ceará”, em ritmo *country*, foi classificada na primeira eliminatória com ótima aceitação do público, mas não logrou êxito na etapa seguinte. Uma particularidade da letra da música é que todas as palavras iniciam com a letra “C” de Camocim:

CAMOCIM-CEARÁ

Camocim, claro céu cristal
Coqueiros cacheados,
Cajueiros copados.
Camocim, cor carmim
Caranguejos cobiçados,
Camarões corados.

Clima cálido
Carnaval cativa calor
Charme, chama, cantiga
Cintilante cor (Refrão)

Camocinenses,
Cidadãos corretos
Cidade coração
Consagrado chão. (BIS)

Camocim, curumim crescido
Camocim, caboclo, cafuzo
Camocim, corós carnudos

11 Promessa a São Pedro é um poema de R. B. Sotero, poeta camocinense, musicado por Batista Sena.

12 Esse Carlos Augusto não é o mesmo da música “Camocim Ceará”, constante da lista.

13 Naldinho, Raimundo Arnaldo de Carvalho fez a música. O jornal só trouxe o nome do letrista, Carlos Augusto P. dos Santos.

Camocim Ceará,
Camocim Ceará
Camocim Ceará (BIS).¹⁴

Neste VIII Festival de Música em Camocim, o jornal *Tribuna do Ceará* destacaria os vencedores, como podemos ver no recorte do jornal abaixo:

Figura 11: Aderaldo ganha em Camocim.

Aderaldo ganha em Camocim

O cantor e compositor Valdo Aderaldo conquistou no último domingo o primeiro lugar no VIII Festival de Música de Camocim, com a canção "Coca-Colas e Igua-ras". A música foi interpretada por ele e Paula Tesser.

O cantor e compositor Batista Sena conquistou o segundo lugar interpretando "Promessa a São Pedro", feita por ele e Raimundo Sotero. Batista Sena ainda teve a música "Amor Navegante", interpretada por Stanley, eleita a melhor segundo júri popular.

O terceiro lugar ficou para a música "Bon Jour Iracema", do artista plástico Mano Alencar e de

Chico Pessoa. Chico, por sinal, também foi escolhido o melhor intérprete do festival.

NUTRICIONISTA

Dra. ELIZABETH CATUNDA

Consultório:

Av. Pe. Antônio Tomás, 40

Sala 1. Fone: **224.9909**

Aldeota

Atendimento: 2.ª e 4.ª: 14 às 17h
3.ª, 5.ª e 6.ª: 9 às 12h

Fonte: Tribuna do Ceará, Fortaleza-CE, 27 jul. 1993.

Se é fantástico assistir a um festival de música da arquibancada, no meio do público e juntos dançar, cantar, se divertir, imaginem a sensação de estar do outro lado, de se sentir, por alguns minutos, um verdadeiro artista e poder, juntamente com a banda, levar sua mensagem em forma de canção, animar esse mesmo público, que te aplaude, te curte e que te faz de alguma forma viver momentos que se eternizarão para a vida toda. É uma sensação semelhante

14 Letra cedida pelo autor Carlos Augusto P. dos Santos.

ao que disse Zuza Homem de Melo certa vez, numa de suas entrevistas em relação aos festivais de música: “São muitos momentos de pico, eu tenho na memória muitos momentos incríveis e algumas apresentações maravilhosas”.¹⁵

Mas, como foi idealizar e executar um festival numa cidade como Camocim, que acabou virando uma tradição e sacudiu a cena musical do Estado do Ceará? Com a palavra a ex-prefeita Ana Maria Veras, que discorreu sobre o início do festival:

O primeiro festival a gente fez sem ter credibilidade, você fazia um festival naquela época você não tinha uma história, Camocim não tinha uma história. Então não houve grandes aportes, pessoas que nos dessem esses recursos para fazer. Então, por incrível que pareça, numa época em que Camocim não tinha quase nada, não tinha reforma tributária, o FPM de Camocim era quase nada, os recursos de ICMS muito pouco também. A gente bancou esse festival de Camocim sozinhos. Como era novo e a gente não sabia, a gente não tinha produtores aqui e não tinha ninguém nessa área. Nós trouxemos um produtor que na época se chamava Califórnia Produções, que nos ajudou a fazer isso, a produzir este festival. Mas com recursos integralmente de Camocim. A divulgação foi na base de amigos. A gente conhecia o José Augusto, que editava o Caderno Gente do *Diário do Nordeste* e aí se encarregava de divulgar porque via a garra que todo mundo tinha e a vontade de acontecer. Então ele ia lá à base da amizade e a gente acabava conseguindo a divulgação (Depoimento de ANA MARIA VERAS, gravado em maio de 2013)¹⁶.

Por outro lado, as pessoas com quem dialogamos daqui para frente puderam viver intensamente momentos como esse nos vários festivais. Músicas como “Boi Magia”, vencedora do Festi-

15 Fonte: Agência Brasil. *Jazz*. Música popular. 24 jan. 2019.

16 Fonte: Carvalho, *Op. Cit.*, p. 58.

val de Música em Camocim de 1992 foi escrita praticamente às margens do Lago do Boqueirão, por Edmar Gonçalves, em suas idas e vindas à casa do seu amigo Dim, a quem o mesmo tinha grande amizade. Batista Sena, por sua vez, teve outras músicas premiadas, já que o mesmo, a exemplo de Naldinho, estava sempre presente nos festivais e um de seus parceiros de música, além do poeta R. B. Sotero, era Stanley Moreira, com quem fez uma de suas mais belas composições premiadas, *Amor Navegante*, não encontrada durante esta pesquisa. Desta forma, dá pra ver que todas estas canções as quais aqui nos referimos, em algum momento representaram muito bem o contexto de nossa cidade de modo geral e, por isso, são lembradas até hoje. Trazendo para a nossa realidade, vejamos as palavras do cantor Raimundo Arnaldo de Carvalho, o Naldinho, como é conhecido no meio musical:

Entrei nos Festivais de Música de Camocim, em 1988, com a música *Humanidade*. Na época eu era bem novinho e foi o Edmar Gonçalves que fez o meu primeiro arranjo. Entrei como letrista e ele defendeu a música. Neste período, Camocim já respirava esse ar de música e Camocim tinha aqui duas grandes personalidades: seu Benoni e Botafogo, eram os nomes referenciais pra mim. E aí, com o surgimento dos festivais, surge uma nova leva de músicos, aparece músico daqui, músico dali, os primeiros artistas a cantar e com os festivais se lançaram para o mundo artístico. E Camocim, como uma terra muito fértil para essa atividade, recebeu muito bem os festivais. Foi a Ana Maria que começou todo esse movimento pelo CSU e, antes da criação do festival, já havia feito os shows de calouros, mais ou menos em 83, que era realizado no antigo Balneário e foi daí que nasceu o Festival de Música de Camocim. Então a cidade se preparava, a cidade tinha até fã-clubes, era como quadrilha hoje, o cantor da terra ia se apresentar e tinha as torcidas, inclusive tinha a torcida né (risos). A própria Ana Maria era a prefeita e ela mesma

mandava fazer uma faixa pra mim, com o nome da música, tinha fã-clube era muito legal¹⁷.

Aqui podemos comprovar, pela experiência do cantor, um relato muito claro de como foi o surgimento do festival de música e como era o trabalho feito pela ex-gestora em prol da cultura e com o olhar voltado para os artistas locais.

Para o radialista, compositor, escritor e presidente da Academia Camocinense de Ciências, Artes e Letras da (ACCAL), no biênio 2018-2019, o Festival de Música em Camocim foi:

[...] uma experiência contagiante, primeiro porque foi uma coisa inédita, eu lembro que, quando surgiu o edital em 1986, a gente pensava que era um festival, coisa do tipo regional, quando, na realidade, o festival era de uma amplitude bem maior. Eu lembro que, na oportunidade, eu me escrevi e participei com a música *Veleiros* e, pra minha surpresa, eu, gente de Fortaleza, gente de outros lugares que estavam também competindo com este projeto. Este festival aconteceu sua primeira edição na extinta [...], o que é uma pena, Quadra do SESI e veio toda uma estrutura musical de primeiro mundo. Na época, a prefeitura era comandada pela prefeita Ana Maria Veras e veio uma equipe de músicos muito boa, uma banda de profissionais. Foi uma festa, o SESI lotou e eu lembro que, na época, o Edmar Gonçalves morava em Camocim, ele que é um grande cantor, um grande compositor já gravou até na Globo Nordeste, tem vários trabalhos e entrou com a música *Os Meninos*. Tinha também o compositor Ricardo, com a música *Prá esse Pote*. Vieram também participar cantores como: Zé Stélio, Calé Alencar, grande compositor que ainda faz um sucesso até hoje e Kátia Freitas [...]. Vieram Chico Pio, vieram muitas outras pessoas e eu fiquei um tanto quanto até meio assustado quando eu vi essa galera todinha de Fortaleza,

17 Raimundo Arnaldo de Carvalho (Naldinho). Professor, cantor e compositor. Entrevista realizada pelo autor em 14 jan. 2020. Camocim-CE.

um pessoal que já militava na música, que vivia da música, que eram grandes cantores, grandes compositores e realmente o festival foi um diferencial. A cidade ficou completa, nesse tempo eu tinha um programa na Rádio União de Camocim que dominava, isso feito pesquisa pelo IBOPE, vários anos¹⁸.

Na entrevista, Inácio Santos ainda comentou a predominância do rádio naquele tempo, principalmente na zona rural. “Muita gente ainda tinha o radinho a pilha: era o banco de pote e o rádio duas coisas que não podia faltar na casa do cabra do interior”. Questionado sobre os pontos culturais de Camocim, Inácio nos disse:

Naquela época dois locais aqui na cidade ficaram sendo *point* dos compositores, um por causa da mídia do rádio, além de eu dar apoio total, toda vida o meu programa apoiou todas as partes culturais, seja teatro ou seja música. Toda vida eu gostei da arte pois quando eu era adolescente, nos anos 70, a gente criou aqui o Grupo de Teatro Amador Pinto Martins. No caso, participava eu, Totó e uma turma de 40 adolescentes. Passamos várias peças aqui, como a tradicional Paixão de Cristo, Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, muito antes da Globo levar ao ar, ninguém ainda nem ouvia falar. O outro lugar onde todo mundo se reunia, até pra falar de festival, até pra tomar uma cervejinha, ou os músicos ficavam hospedados nesse lugar, era o Espaço Cultural, que era do compositor Batista Sena, de saudosa memória. Batista Sena era um artista completo, polivalente, um artista plástico fantástico, um dos que melhor se aproximava da anatomia humana. O que era o Espaço Cultural? Era uma casa toda decorada com obras de arte, tinha quadro dele, do Mauro Viana, também já falecido, do Edmar Carvalho. [Ficava nas] proximidades da casa lotérica, em frente à caixa d'água, hoje não existe mais. O próprio Totô, na época um garoto lá da Boa Esperança, um dos maio-

18 Inácio Santos. Radialista e escritor. Entrevista realizada pelo autor em 28 maio 2019. Camocim-CE.

res artistas camocinenses, o Dim Brinquedim, começou lá fazendo seus primeiros bonecos de barro incentivado pelo Batista Sena. Então era esses dois lugares, todo mundo saía lá da Rádio União meio dia e ia para o Espaço Cultural. O Lopes, Cabeleira, essa turma todinha se reunia lá no Espaço Cultural e isso movimentou a cidade, pra época foi um acontecimento que mexeu com a comunidade e o povo realmente gostou, aceitou e, não só isso, também participou¹⁹.

Partindo das palavras do entrevistado, dá para perceber o fascínio que era aquele tempo, Camocim parecia um lugar bem distante do que conhecemos hoje, pelo gosto cultural, pela cordialidade e diversidade dos artistas dialogando juntos.

Um desses artistas vive pouco afastado da zona urbana, mas também é apaixonado pela arte de cantar na Vila do Maceió e interiores vizinhos a Camocim. Trata-se de Francisco Barbosa do Nascimento, mais conhecido como Chico Sabiá, que também contribuiu com esta pesquisa, falando o seguinte;

Naquela época, eu acredito que a gente já tocava em forró por aí afora pé de serra. Quando surgiu o Festival de Camocim eu fui chamado para que eu me escrevesse, como eu morava longe, era meio difícil as coisas né?! Então, realmente a gente vinha de bicicleta, de carro, de carona, de todo jeito né? Então realmente eu já trazia esta música lá do Pará, muito linda, muito bonita né? E eu escrevi duas músicas: *Cigana Feiticeira* e *Vida de Garimpeiro*, sendo que esta fizemos muito sucesso né? Tanto aqui em Camocim como fora de Camocim. Então eu acredito que a gente sentia muito prazer e muita alegria, a gente ficava hospedado no Hotel Municipal, então a gente tinha muito contato com os cantores de fora, conheci Calé Alencar, Edmar Gonçalves, vários deles cantores famosos por aí também e a gente me-

19 Inácio Santos. Entrevista já citada.

teu-se no meio desses homens, e eu fui foi passando para a final, fui passando para a final, até que cheguei ao final de todos né? Com isso, eu passei a conhecer cantores como Cláudio Galeno, Mardônio, Marcelinho, Eliane, o radialista Cardoso Filho e muitos outros. Eu me achei muito feliz em chegar à final, porque eu me achava muito pequeno, mas, quando a gente tem de vencer, a gente vence. Eu quase não dormia quando chegava dos ensaios, ficava tocando violão até muito tarde na beira da piscina. A *Vida de Garimpeiro* era uma das preferidas e eu então ficava pensando como era que eu ia vencer no meio daquelas feras. Então o chefe da produção chegou pra mim e perguntou: você tá com medo, cantor? Isso bem baixinho, só pra mim, os outros não ouviram. E disse: eu sou o representante de uma gravadora e sua música vai ser premiada, não se preocupe. Então, eu fiquei com mais fé e deu tudo certo²⁰.

Chico Sabiá representa a classe de compositores populares com pouca formação acadêmica, mas muito respeitado por sua criatividade e talento musical. Podemos sentir sua humildade no contexto de suas palavras ao longo desta entrevista, as dificuldades que o mesmo encontrou no começo da sua carreira, mas sua persistência em lutar pela música o transformou num dos grandes personagens da história dos nossos festivais, ao lado de tantos outros.

Continuando com nosso diálogo com os mais diversos atores dessa trama, outra história também muito interessante é do jovem músico, professor e arranjador Caetano Prado. No seu depoimento, nos diz:

Naquela época, nos anos 90, eu estava iniciando na música, acompanhando meu pai e fazendo aula na Casa de Cultura, onde se promoviam aulas de teclado, violão, violino e vários tipos de instrumentos. E

20 Francisco Barbosa do Nascimento (Chico Sabiá). Cantor e compositor. Entrevista realizada pelo autor em 26 maio 2019. Praia de Maceió. Camocim-CE.

aí a Prefeitura trouxe também o Marcílio Homem, que era quem fazia todo o aparato do festival, que deu uma ênfase bem legal. No caso, o prefeito era o Antônio Manoel e a Dona Ana é uma pessoa que gostava muito de cultura e ela investia e dava muito apoio ao pessoal da terra. Como eu estava começando, então eu tocava percussão, ensaiava, era aquela animação na Estação, a gente vivia aquele momento de música muito forte, tinha desenho, tinha pintura, era arte mesmo pura que hoje não acontece mais né?! [...] era muito fluente esta questão da música do festival, tinha os ensaios, o pessoal de fora vinha, o Marcílio Homem organizava tudo, tinha a banda Nível do Mar, que também surgiu nesta época, onde tinha o total apoio da Prefeitura e a Casa de Cultura. Então hoje a gente sente muita falta, falta aquele apoio maior, falta mostrar os talentos mesmo do pessoal que compõe [...], uma visão, um olhar para os artistas, porque a gente tem um festival aqui vizinho que é uma semana inteira de cursos, e esse festival continua lá em Viçosa. E aqui em Camocim era pra ter um festival desse, era pra ter continuado, era pra ter um olhar, o pessoal do setor público era para olhar mais para os artistas, tá faltando isso²¹ (Grifo nosso).

O músico Caetano Prado tem uma opinião simples e muito esclarecedora sobre o que foi o Festival de Música de Camocim, mesmo tendo vivido os momentos iniciais do evento, como ele diz, presenciou o momento de maior ênfase, como também viu o fim, pois já era um músico profissional. O certo é que sua posição é semelhante à de outros entrevistados: o festival deveria ter continuado. A foto abaixo, além de referendar as memórias do músico Caetano Prado, que iniciou sua carreira musical muito novo na percussão, revela os primeiros anos de um festival feito somente com músicos locais, em que pai e filho tocavam na mesma banda, e servia de iniciação musical.

21 Caetano Prado. Professor, músico arranjador. Entrevista realizada pelo autor em 14 jan. 2020, Camocim-CE.

Figura 12: Banda Nível do Mar. Caetano Prado na percussão. Primeiro da esquerda para a direita. VIII Festival de Música de Camocim. 1992.



Fonte: Arquivo da Secretaria da Cultura de Camocim.

Como vimos no grifo do depoimento de Caetano Prado, ele destaca a participação do maestro Marcílio Homem “que fazia todo o aparato do Festival”. Aqui cabe uma explicação: depois dos primeiros festivais, a Prefeitura Municipal contratou esse maestro para dirigir a Banda Nível do Mar, para dar suporte ao festival, além de ser uma escola permanente de música. Muitos músicos locais se profissionalizaram nesta banda sob a batuta do Maestro Marcílio Homem (ele mesmo um assíduo participante do festival desde 1987, assinando músicas com parceiros e fazendo arranjos). Num dos seus discursos de apresentação de festival, saudou a população desta forma:

Hoje, aqui de frente para esse manancial de beleza, essa paisagem linda que a natureza nos deu na terra de Pinto Martins, começa o XIII FESTIVAL DE MUSICA DE CAMOCIM. Durante mais de uma década estivemos aqui reunindo artistas de diversas

regiões e culturas diferentes, manifestando a musicalidade brasileira, o talento, a emoção, a arte de fazer ao vivo, o improviso, interpretação e, sobretudo, o motivo maior da expressão artística que é a criação. Estarão juntos nesse palco celebrando o espetáculo da vida durante 03 dias. Camocim, de braços abertos, recebe a todos com muito carinho e alegria, tendo certeza de que durante esses 03 dias de festa da música, tomará de conta dos nossos corações e da nossa cidade. Bem-vindos a Camocim!²²

Feita essa passagem pelas lembranças e relembrações dos festivais de música de Camocim, partimos para uma breve análise das letras de canções que marcaram época no referido evento.

Breve análise das músicas

O contato com os artistas e com a documentação acabou trazendo lembranças não somente dos sons que experimentamos, mas também das mensagens trazidas nestas letras. Neste tópico faremos simples análises de algumas canções ao longo das edições dos festivais, procurando contextualizá-las historicamente. Nem sempre foi possível precisar as datas, pois quase todas elas ainda estão vivas apenas na memória. A primeira é *Vida de Garimpeiro*, de Chico Sabiá, 2ª colocada em 1986, um carimbó, ritmo dançante de sucesso na época. Vejamos:

Olha eu sou garimpeiro
Tenho dinheiro e sou garanhão.
Lá no meu barraco menina,
Preciso tanto do seu coração.
Vou lhe dar pepita, você vai gostar,
Sou rapaz bonito, você vai achar.
Eu preciso tanto amor, do seu coração,
Tenho condição: frete um avião pra levar você²³

22 Discurso de Marcílio Homem. XIII Festival de Música em Camocim em 12 jul. 2002. Fonte: Arquivo da Secretaria Municipal da Cultura.

23 Letra cedida pelo autor. I Festival de Música de Camocim. 1986.

Aqui o autor representa a figura do rapaz sonhador do interior que viaja para a região Norte, principalmente para o garimpo, em busca de melhorar a vida, e na volta conquistar sua querida amada.

O trabalho duro continua sendo apresentado na primeira edição do Festival de Música de Camocim, em 1986, como na homenagem de Inácio Santos aos desbravadores do mar (os pescadores), na música *Veleiros*.

É vento de veleiros
 É sol de beira mar
 E vestido de Maria
 E calor que vem de lá.
 Já é bem tarde e o sol baixar não custa
 Vento terral sopra vindo do mar,
 A lua cheia aparece tão formosa
 E a saudade de Maria vem matar.²⁴

A cidade e os seus monumentos também são temas das canções, estando aí uma estratégia para conquistar o público local, como podemos ver no refrão memorável em homenagem ao Pote de Camocim, uma espécie de obelisco com duas colunas de cimento frontais, vazadas na parte de cima, cujo vazio lembrava o “pote” que deu origem ao nome do município, erguido no canteiro central da Avenida Beira-Mar. “Prá esse Pote/canto samba, canto xote,/ canto tudo, até fricote, canto até meu coração. (bis)²⁵.

A própria música “Camocim”, de Carlos Augusto e Rildo Vilela (*in memoriam*), e interpretada na bela voz de Aparecida Silvino (melhor intérprete, edição de 1991), premiada em 2º lugar na edição de 1991, apresenta certo lirismo ao apresentar a cidade, revelando alguns pontos da orla marítima, aliado a uma mensagem ecológica preservacionista muito em voga na década de 1990:

24 Letra cedida pelo autor. I Festival de Música de Camocim. 1986

25 Autor: Ricardo de Paula. I Festival de Música de Camocim. 1986. Segundo CARVALHO (2018, p. 31-32): “Na primeira apresentação aconteceu algo frustrante. Ricardo de Paula, intérprete da música “Esse Pote” acabou tendo um esquecimento por parte da letra e desafinou na execução da música. Ele teve o acompanhamento de João do Acordeom. A música “Esse Pote”, uma homenagem às belezas de Camocim, não alcançou o seu objetivo, frustrando uma enorme torcida que se formou”.

CAMOCIM

Letra: Carlos Augusto

Música: Rildo Vilela

I

E eu d'aqui
Olhando os mastros dos bastardos sem pano.
Mini-gigantes emergindo do mar
Como dedos do oceano.

II

Das Barreiras ao Cais
São tantos ais, que eu nem conto.
Em cada abraço apertado,
Extasiados, casais se encantam.

III

Na terra do sol,
CAMOCIM, pedaço de litoral.
Queremos ser terra do sal,
Mas com os mangues
Enverdecendo o arrebol.

IV

Alvejando o luar
Tuas dunas desnudas
Pedem vegetação.
Teus mangues, embora mudos
Gritam por preservação²⁶.

A cidade continuou como inspiração para o compositor Carlos Augusto, agora em parceria com o músico e cantor Naldo. Nesta segunda homenagem, há uma tentativa de se construir uma narrativa lendária sobre o município, associada ao termo Tropi-

26 *Camocim*, Carlos Augusto e Rildo Vilela. VI Festival de Música de Camocim. 1991. "A letra da música "Camocim" é de minha autoria e ela me veio à mente numa tarde quando eu, meu amigo Adeilson, de Senador Sá (*in memoriam*), e o Hélio, também daquela cidade, dedilhava (sic) um violão no antigo Restaurante Odus enquanto eu olhava "os mastros dos bastardos sem pano. Letra feita, apresentei-a ao grande músico camocinense Rildo Vilela, que infelizmente nos deixou e foi animar os bailes celestes. No VI Festival de Música de 1991, a música foi interpretada pela cantora Aparecida Silvino e acabou se classificando em 2º lugar. [...] na versão musicada sofreu algumas alterações. Infelizmente não temos o registro sonoro". Disponível em: www.camocimpotedehistorias.blogspot.com.br, Acesso em: 15 dez. 2019.

cália, aquele movimento surgido nos tempos áureos dos festivais no país. O título acabou ficando assim: *Tupicália* (ou a lenda da origem da Terra do Pote). A letra da música está no livro didático *Historiando Camocim*.

TUPICÁLIA

Letra: Carlos Augusto

Música: Naldinho

Quando guerreiro partiu,
Potira chorou.
Seu pranto originou o mar
Da Terra do Pote
Que Tupã abençoou.
Foi ali naquela duna,
Sob a luz de Jaci
Que se consumou o amor
De Peri e Ceci
Hoje na festa da taba,
Há mistura de canto de todas as tribos
Ao som das águas que acabam
Na praia, abrigo dos sábios.

Hoje o Acuaba não faz distinção,
Nairas, Iracemas, Raonis
Joanas, Helenas, Felipes
Nagôs, Zulus, Zumbis
Dançando o quarup da imaginação²⁷

Por outro lado, a cidade também é explorada no campo da religiosidade popular, apresentando a crença e fé do povo camoci-

27 Para a letra da música. VII Festival de Música de Camocim. 1992. Fonte: SANTOS, Carlos Augusto P. dos Santos; FREITAS, Gleiciane. *Historiando Camocim*, Edições UVA/Global Gráfica, 2017, p. 29. Sobre a composição vejamos o depoimento do autor: Um certo dia, eu olhando pra praia eu disse: - Rapaz eu podia transformar isso como se fosse uma lenda. Esse marzão aí poderia ser as lágrimas de alguém. E aí surgiu: quando o guerreiro partiu, Potyra chorou, seu pranto originou o mar da terra do pote que Tupã abençoou. Aí eu olhei pras dunas e imaginei uma cena: foi ali naquelas dunas, sob a luz de Jacy, que se consumou o amor de Peri e Cecy. Aí depois eu pensei no festival: hoje na terra da taba há mistura de cantos de todas as tribos, ao som das águas que acabam na praia, abrigo dos sábios. Hoje o Acuaba não faz distinção, Nairas, Iracemas, Raonis, Joanas, Helenas, Felipes, Nagôs, Zulus, Zumbi, dançando Kuarup na imaginação. Quer dizer essa mistura de gente que formou o nosso povo, os portugueses, os africanos, os indígenas, então eu imaginei dessa forma. (Depoimento de CARLOS AUGUSTO, gravado em junho de 2013), Fonte: CARVALHO, *Op. Cit.*, p. 60.

nense, como na música Promessa a São Pedro, um poema soneto de Raimundo Bento Sotero, musicado por Batista Sena, uma verdadeira oração. Vejamos um trecho:

Promessa a São Pedro

Oh meu padrinho! São Pedro Padroeiro
Humildemente te peço em oração
Fazei de mim homem rico e verdadeiro
Assim como foi rico Salomão²⁸.

Ou ainda, nessa mesma perspectiva, a música “Crença Nordestina”, de Bruno Mesquita:

Crença Nordestina

Eu quero ver brotar da terra
Eu quero ver nascer do chão
Um mundo livre sem ter guerra
Varrendo a fome do meu sertão
Quando tenho sede está faltando água,
Quando chega a fome está faltando
Não quero ser um quadro na parede
Um cão na coleira que morreu de sede
Um barco à deriva sem direção

Sou nordestino, tenho minha fé
Sim tenho sofrido, mas conheço a glória
Sou Padim Ciço, sou Lampião²⁹.

No Festival de Música de Camocim, nós mesmos concorremos com uma canção que procurou misturar periferia com a história do descobrimento do Brasil:

Minha Terra Cabralia,
Meu ranchinho de palha é no morro.
Minha caravela vai sair pro mar.

28 Promessa à São Pedro. Raimundo Bento Sotero e Batista Sena. VIII Festival de Música de Camocim. 1993. “Segundo o Jornal *Diário do Nordeste* (27/07/1993, p. 2), o grande público presente prestigiou os shows de Rossé Sabadia e da Banda Flor de Cheiro, na sexta-feira, e o show de lançamento do disco: “Aprendiz” do cantor/compositor Edmar Gonçalves no sábado, assim como o grande encerramento no domingo, com os baianos da Banda Mel”. Fonte: CARVALHO, *Op. Cit.*, p. 45.

29 Crença Nordestina. Bruno Mesquita. Aurora-CE.

Oh vento me leva, com minha bandeira
Eu vou à luta, eu vou salvar,
a juventude perdida,
a criança oprimida
Eu quero é paz no coração.
Ninguém pode viver,
Ninguém pode crescer,
Aqui parece a fuga do leão³⁰.

Com a dimensão nacional que o Festival de Música em Camocim ganhou, outros temas ganharam espaço nas letras das canções. Um exemplo disso foi a canção *Boi Magia*, que trouxe o folclore do Maranhão para a nossa cena musical.

Boi Magia.

Autor: Edmar Gonçalves

No Maranhão eu vi o Boi,
Dancei feliz no ritmo que traz
Tanta fantasia, toda alegria do povo de lá
Catirina já veio e o vaqueiro chegou
Prá mostrar o seu Boi
Que canta em versos
Pro povo cantar,
mostrando história lá do seu lugar.

E o boi vem dançar pra nós,
Vem Boi que eu quero dançar
Vem Boi espalha a magia
Vem Boi pro Brasil cantar
E lá lá lá
E lá lá lá³¹.

Além do Maranhão, a região do delta do Rio Parnaíba foi agraciada numa letra que os autores prestaram uma homenagem ao litoral piauiense.

30 *Fuga do Leão*. Francisco Sílvio da Paz. VIII Festival de Música de Camocim. 1993. Fonte: *Jornal Diário do Nordeste* 1993. Arquivo do autor.

31 *Boi Magia*. Autor: Edmar Gonçalves. VII Festival de Música de Camocim. 1992. Neste festival participaram as bandas Flores Assassinas, Rebel Lion e o cantor baiano Luiz Caldas. Fonte: CARVALHO, Op. Cit., p. 43.

Águas

Autores: Chico Pio/Newton Câmara

Quantos braços tem o rio
Desse amor de Parnaíba
Quantos Deltas, quantas vidas
Desaguando sobre o mar
São confronto de outras águas,
Que me trazem as canções
O Ipu das maravilhas
Atraiu meu coração
Quedas d'águas revelando
Minhas veias do sertão
Meu amor por ti morena
Faz nascer água do chão³².

Finalizando essas breves análises, destacamos, a nosso ver, uma das mais belas canções feitas pelo saudoso amigo Batista Sena, em parceria com Stanley Moreira, que realça a amizade entre dois caminhoneiros que percorrem o país.

Silêncio a Contra Gosto

Autores: Batista Sena e Stanley Moreira

Eu tinha um inseparável companheiro,
Grandessíssimo amigo de jornada.
Caminhão três quarto, quarto inteiro.
Veloz igual ao vento de lufada

Pernambuco, Natal, Rio de Janeiro
Ah! Isso para nós, não era tirada!
São Paulo, Maranhão, Brasil inteiro.
Só nosso! Manhã, tarde e madrugada.

Por que o tempo destrói até monumentos?
Entre nós houve um descontentamento.
Sua cansaída foi meu espanto
Mande-i-lhe embora, meio a contra,
Mas, no fim da curva, ainda virou-me o rosto.

32 Águas. Chico Pio e Newton Câmara. Não foi possível identificar a edição do festival. Fonte: Arquivo da Secretaria de Cultura de Camocim.

Ai!

Não pude esconder um grande pranto³³.

Poderíamos fazer inúmeras correlações e análises sobre as letras apresentadas nas várias edições dos festivais em Camocim. No entanto, ficamos com estas como exemplos da diversidade que é característica de um festival. Para fechar este capítulo, ainda faremos algumas observações sobre este movimento cultural, que mudou com a conjuntura política do município, na medida em que o evento ganhou grandes proporções. No início da década de 1990, o festival passou a ser realizado na praça da antiga Estação Ferroviária, a partir de 1989³⁴, um local bem mais amplo com uma capacidade maior para receber o grande público que, com o passar dos anos, só aumentava.

Nesse período, já nos anos 1990, o festival era o evento mais esperado do ano em Camocim, com uma adesão maior dos artistas da terra, pois, como não havia as mídias sociais de agora, o festival passou a ser uma grande porta que se abria para que os artistas regionais e amadores pudessem aparecer no cenário musical.

A partir de 1993, podemos dizer que a magia e o sucesso dos festivais fizeram com que Camocim vivesse os seus melhores momentos, musicalmente falando. Para descobrir melhor nossos talentos, o município resolveu investir e adotou, como já dissemos, o prédio da antiga Estação Ferroviária situado próximo ao Cais do Porto, transformando-o na chamada Casa de Cultura. Em seguida, criou a Banda Nível do Mar, que formava e empregava vários jovens músicos, cantores e instrumentistas, sob o comando do maestro, arranjador e produtor musical, Marcílio Homem, músico renomado trazido de Fortaleza, exclusivamente para ensinar e

33 *Silêncio a Contra Gosto*. Autores: Batista Sena e Stanley Moreira. Não foi possível identificar a edição do festival. Fonte: Arquivo da Secretaria de Cultura de Camocim.

34 IV Festival de Música de Camocim. 1989. “Neste festival aconteceram os shows de Dilson Pinheiro e Belchior, e [...] a cantora Aparecida Silvino ganhou o prêmio de melhor intérprete”. Fonte: CARVALHO, *Op. Cit.*, p. 40.

preparar aqueles jovens para o ofício da música e dar mais oportunidade aos artistas locais, com aulas teóricas e práticas. Com isso, se propôs também um novo modelo na organização do festival: das 20 músicas classificadas, metade delas passou a ser de autores camocinenses e o restante de autores de outras regiões, inclusive da capital. Esse movimento trouxe de volta um grande número de pessoas à Estação, para ver os ensaios da banda, cursos diversos e eventos do SEBRAE. Foi realmente um período para ficar guardado em nossas memórias por muito tempo.

Os festivais de música, portanto, causaram toda essa junção de eventos oferecidos à sociedade camocinense; não faltavam opções para diversão e nem motivação para quem trazia consigo o sonho da música se tornar realidade. Isso porque as práticas e vivências musicais já estavam no dia a dia das pessoas. Era comum ver os nossos compositores, poetas e letristas preparando seus repertórios durante o ano todo em busca da melhor canção para poder tentar a sorte e registrar seu nome na história dos festivais, até mesmo os que se consideravam leigos.

Chegamos, por enquanto, ao momento de encerrarmos esta tarefa de escrever sobre o Festival de Música de Camocim. Entre a alegria do começo e a frustração do fim, o festival foi um movimento cultural do Ceará que deixou saudade e, certamente, um vazio para todos nós que gostamos de boa música. A extinção de um festival de música significa, às vezes, calar muitas vozes, inibir novos talentos e traz danos para a própria cultura. Desde o primeiro campeão no ano de 1986 – Edmar Gonçalves – com a música “Os Meninos”, ao último vencedor, Serrão Castro, com a canção. “Oração de Lua”³⁵, no ano de 2003 (letra abaixo), a his-

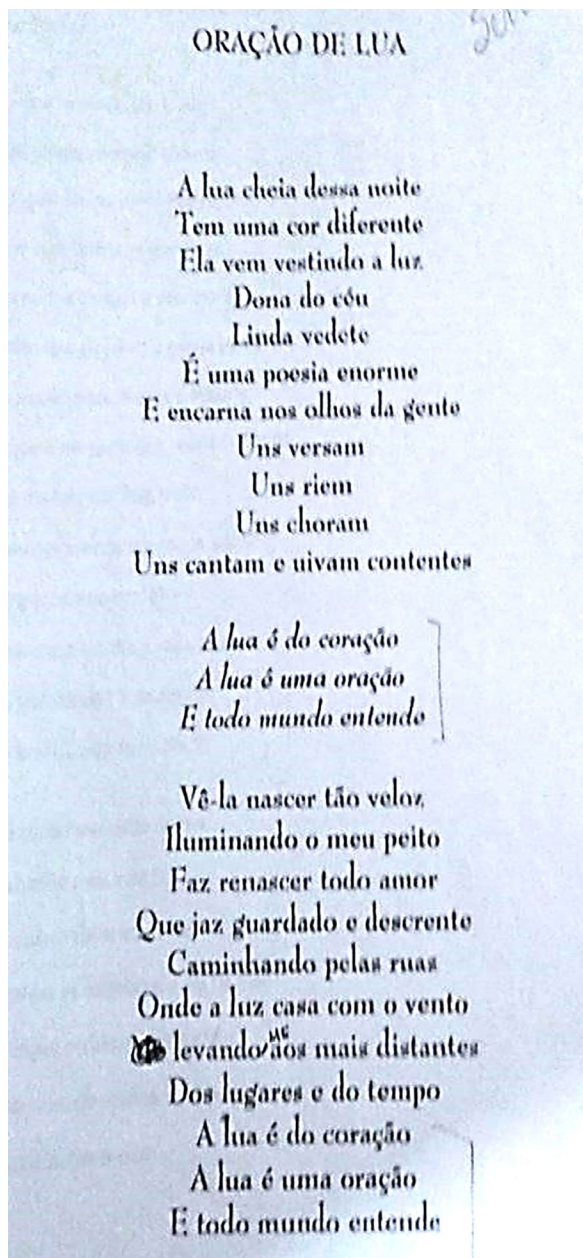
35 O XIV Festival de Música em Camocim teve sua grande final no domingo (27/07). O cantor e compositor Serrão Castro com a música “Oração de Lua” foi o grande vencedor, recebendo das mãos do Prefeito Municipal Sérgio Aguiar, a quantia de R\$ 2.000 (dois mil reais). O cantor Sanderley Coelho ficou com o segundo lugar, interpretando a composição “Fábula para um rei feliz”, dele mesmo e de Cleisson. O terceiro lugar ficou com a composição “Afrodite”, de

tória dos Festivais de Música de Camocim revela uma trajetória de muita inspiração e alegria no empenho de seus idealizadores, artistas compositores e na diversidade de suas canções. Por outro lado, também é revelador a falta de documentação sobre o festival na cidade de Camocim. Encontramos alguns documentos esparsos e fragmentados, muitas vezes sem a identificação necessária para as referências devidas. Do arquivo da Secretaria de Cultura de Camocim pinçamos a letra da última música vencedora.

Para quem viveu essas experiências talvez haja um consenso: o desejo de que o festival volte a figurar no calendário cultural do município. De vez em quando, algum político promete sua volta. Enquanto não acontece o milagre, resta históriá-lo.

Evaristo Filho, interpretada por Edu Assaf, que também foi escolhido como o melhor intérprete. Os shows musicais ficaram a cargo das bandas Cavalo de Pau (sexta-feira) e Lagosta Bronzeada (sábado). Já o show de encerramento do XIV Festival de Música em Camocim aconteceu no domingo e ficou a cargo da Banda Cidade Negra. Cerca de 50 mil pessoas participaram do show e estiveram presentes na Praça do Odus. Fonte: CARVALHO, *Op. cit.*, p. 55.

Figura 13: Oração de Lua. Autor: Serrão Castro. XIV Festival de Música de Camocim. 2003.



Fonte: Arquivo da Secretaria de Cultura de Camocim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se nessa narrativa desse objeto de pesquisa, um pouco da história local e cultural do município de Camocim, no qual estamos inseridos com o objetivo de transformar memórias de tempos vividos em parte da história escrita da nossa cidade. Nesse processo, podemos afirmar que este trabalho sobre as memórias dos festivais de música de Camocim não é um simples convite para uma volta ao passado recente, mas que jamais vai deixar de existir nas nossas lembranças, de uma trajetória inspiradora, de talentos e de fatos reais que, infelizmente, parecem ter se perdido no tempo, mas que voltam, como neste trabalho. O Festival de Música em Camocim foi um evento que, segundo Ana Maria Veras, surgiu com o intuito de enaltecer e promover a cultura local, assim como revelar e apresentar à população os artistas da terra, como fica evidenciado na sua fala:

Nós tínhamos uma norma que era priorizar o pessoal da terra. Então tinha uma noite de Camocim, essa noite era os talentos daqui que passavam por uma triagem, mas existia essa noite que concorria com o pessoal de fora, tinha uma coisa caseira no meio disso tudo, porque a gente criava uma espécie de cota, tinha que ter 10 pessoas de Camocim contra 10 lá de fora. Este foi o primeiro momento até que a gente amadurecesse. Também a ideia da gente, a princípio, sempre foi valorizar o que a gente tinha aqui dentro. E a gente depois viu que tinha talentos que concorriam com todo mundo e que ganharam

os festivais e concorrendo com gente que hoje tem muitos CD's nessa área, tipo Chico Pessoa, Paulinho Pedra Azul e que concorriam aos festivais aqui, Dilson Pinheiro. No primeiro momento a gente se sentiu melhor, essa é a palavra. Aí no segundo a gente viu que a gente tinha condições de concorrer de igual pra igual e nessa concorrência tiramos vários primeiros lugares. (Depoimento de ANA MARIA VERAS, gravado em maio de 2013).³⁶

Percebe-se, nas palavras da ex-gestora municipal, o quanto é prazeroso promover a cultura, porque ajuda a desenvolver a cidade e os seus talentos. Não só a música, mas a arte em si, foi e sempre será algo fascinante. Diante desse tipo de depoimento podemos dizer que o Festival de Música em Camocim deixou um legado muito interessante para as futuras gerações desta cidade, afinal não dá para esquecer artistas que por aqui passaram, como Dilson Pinheiro, músico e apresentador da TV Ceará; Maísa Vasconcelos, apresentadora oficial do festival por várias edições; o arranjador e sanfoneiro, Zé do Norte; o saudoso amigo e escritor, Carlos Cardeal, grande colaborador e tantos outros.

Para nós foi um trabalho gratificante poder apresentar, em forma de escrita, fragmentos da história local. Por meio de consultas a arquivos, blogs, jornais e, principalmente, fontes orais, encontramos elementos que contribuíram muito para a realização desta narrativa, que futuramente poderá contribuir de forma pedagógica com outras que poderão surgir. Até porque não vemos o Festival de Música em Camocim apenas de maneira saudosa, ou como algo impossível de se resgatar, mesmo que de forma reestruturada, porque no Brasil como um todo já não se faz mais festival como antigamente. Atualmente, os eventos são realizados com grandes nomes internacionais, que junto aos artistas brasileiros trazem músicas

36 CARVALHO, *Op. Cit.*, p. 58.

conhecidas do grande público. Um exemplo é o *Rock In Rio* e o *Lollapalooza*; no Ceará temos o Festival de Música de Fortaleza, o Festival do Jazz em Guaramiranga, no período carnavalesco, e aqui mais próximos de nós, o Festival de Música da Ibiapaba e o Festival do Mel, Chorinho e Cachaça, ambos em Viçosa do Ceará. No mesmo formato do festival de Camocim, desponta o Festival de Inverno da Serra da Meruoca, que, segundo o incansável cantor, compositor e produtor, Pingo de Fortaleza, é “de certa maneira, a continuidade, com ainda mais efervescência criativa, do Festival de Camocim, [...] É o substituto do Festival de Camocim”. [...] segue um pouco a lógica de Camocim, é o único neste formato”³⁷.

Em Camocim, desde o término dos festivais, não tivemos mais nem show de calouros. No sentido de relembrar estes velhos tempos, como foi assinalado em tópico acima, tivemos o 1º Festival de Música do Liceu, realizado pelos professores Paulo Clessen dos Santos e Carlos Manuel do Nascimento que, mesmo tendo muita aceitação por parte da comunidade escolar, não houve continuidade.

Contudo, nada disso é muito estranho para Camocim e sua população mais vivida, uma cidade que, no passado, já teve de tudo: aviador, linhas aéreas, trem, ferrovias, polo pesqueiro, indústria salineira, porto, teatro, cinema, poetas repentistas e etc. O Festival de Música foi apenas mais um que sofreu o mesmo descaso. Mas, como diria Ariano Suassuna, “Acredito que toda arte é local, antes de ser regional, mas, se prestar, será contemporânea e universal”. Seguindo o pensamento do autor, acreditamos também e esperamos que a arte e a cultura camocinense, apesar de tímidas atualmente, possam, pelo potencial que tem, um dia ressurgir e voltar ao mesmo destaque que outrora.

37 Meruoca efervescente. Jornal *Diário do Nordeste*. Fortaleza-CE. 20 de março de 2008. Disponível em: Fonte: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/meruoca-efervescente-1.651316>. Acesso em: 18 jan. 2020.

FONTES

Impressas:

Arquivo da Secretaria de Cultura do Município de Camocim

Jornal *O Povo*. Fortaleza-CE, 02 dez. 1968.

Jornal *O Povo*, Fortaleza-CE, 15 jul. 1986.

Jornal *Tribuna do Ceará*. Fortaleza-CE, 27 jul. 1993.

Revista *Manchete*, Nº 1813, de 17 jan. 1987.

Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza-CE, 1993.

Jornal *Diário do Nordeste*. Fortaleza-CE. 20 mar. 2008.

Orais:

1. Inácio Santos. Radialista e escritor. Entrevista realizada pelo autor em 28 maio 2019. Camocim-CE.

2. Raimundo Arnaldo de Carvalho (Naldinho). Professor, cantor e compositor. Entrevista realizada pelo autor em 14 jan. 2020. Camocim-CE.

3. Francisco Barbosa do Nascimento (Chico Sabiá). Cantor e compositor. Entrevista realizada pelo autor em 26 maio 2019. Praia do Maceió. Camocim-CE.

4. Caetano Prado. Professor, músico arranjador. Entrevista realizada pelo autor em 14/01/2020, Camocim-CE.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Francisco Wendel de Paula. **O surgimento do Festival de Música de Camocim/CE: resgatando a memória e a história cultural deste município.** Monografia. Curso de Música – Licenciatura. Universidade Federal do Ceará (UFC). Campus Sobral. 2018.

CASTRO, Wagner. **No tom da canção cearense.** Do rádio e TV, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1979).

FAVARETTO, Celso. **Tropicália: alegoria, alegria.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1996 (2ª ed.).

FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.) [et al.]. **Entrevistas: abordagens e usos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FICO, Carlos. **Além do Golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

JESUS, Mirelle Sacramento de. **Os Festivais de Música Popular Brasileira e a indústria cultural no regime militar.** Artigo. Universidade Federal de Sergipe. Campus São Cristóvão. Departamento de História. 2015.

MELO, Zuza Homem de. **Era dos Festivais: uma parábola.** São Paulo: Editora 34, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música – história cultural da música popular.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. **A historiografia da música popular brasileira (1970-1990): síntese bibliográfica e desafios atuais da pes-**

quisa histórica. **Art Cultura**, Uberlândia, v. 8, n. 13, p. 135-150, jul./dez. 2006.

NUZZI, Vitor. **Uma noite em 1968**. Rede Brasil. Atual.

ROGÉRIO, Pedro. **Pessoal do Ceará**. Habitus e campo musical na década de 1920. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

SANTOS, Carlos Augusto P. dos Santos; FREITAS, Gleiciane. **Historiando Camocim**, Edições UVA/Global Gráfica, 2017.

SÔNEGO. Márcio Jesus Ferreira. Fotografia como fonte histórica. **Historiæ**, Rio Grande, v. 1 n. 2, p. 113-120, 2010.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular**: do gramofone ao rádio/TV São Paulo: Ática, 1981.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

<https://camocimpotedehistorias.blogspot.com/search?q=FESTIVAL>. Acesso em: 07 jan. 2020.

<https://musicabrasilis.org.br/temas/festivais-da-cancao>. Acesso em: 23 dez. 2019.

[https://memoriasdaditadura.org.br/](https://memoriasdaditadura.org.br/Acesso%20em%2008%20jan%202020.alexandre.pavan.wordpress.com/2010/08/09/uma-historia-do-samba-parte-13/) Acesso em: 08 jan. 2020. alexandre.pavan.wordpress.com/2010/08/09/uma-historia-do-samba-parte-13/. Acesso em: 08 jan. 2020.

<https://musicabrasilis.org.br/temas/festivais-da-cancao>. Acesso em: 23 out. 2019.

<https://www.opovo.com.br/jornal/vidaarte/2018/02/e-proibido-proibir.html>. Acesso em: 30 out. 2019.

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/2.804/os-festivais-de-musica-no-ceara-1.673108>. Acesso em: 05 nov. 2019.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_de_Sanremo. Acesso em: 09 jan. 2020.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Festivais_de_M%C3%BAsica_Brasileira. Acesso em: 09 jan. 2020.

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/festivais-no-brasil.htm>. Acesso em: 10 jan. 2020. musica.uol.com.br. Acesso em: 11 out. 2020.

<https://blogln.ning.com/profiles/blogs/luiz-assun-o-pianista-car-naulesco-bo-mio-e-compositor>. Acesso em: 18 jan. 2020.

<https://tribunadoceara.com.br/diversao/agenda-cultural/conservatorio-de-musica-alberto-nepomuceno-comemora-80-anos-com-programacao-para-o-publico>. Acesso em: 18 jan. 2020.

<https://www.letras.mus.br/fagner/635756/>. Acesso em: 18 jan. 2020.

https://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/31818/1/2012_eve_nbcosta.pdf; Acesso em: 18 jan. 2020.

<https://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3147>. Acesso em: 18 jan. 2020.

<https://www.ipatrimonio.org/sobral-teatro-municipal-sao-joao/#!/map=38329&loc=-3.6875960000000103,-40.346935999999999,17> Acesso em: 19 jan. 2020.

<https://www.al.ce.gov.br/index.php/ultimas-noticias/item/65411-1406sc-sons-dos-festivals>. Acesso em: 11 jan. 2020.

<https://al-ce.jusbrasil.com.br/noticias/131294615/compositor-vicente-lobes-e-o-convidado-do-sons-dos-festivals-desta-quarta-feira>. Acesso em: 19 jan. 2020.

<https://musicadoceara.blogspot.com/2008/07/haroldo-holanda-personagem-da-cultura.html>. Acesso em: 18 jan. 2020.

https://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/45301/1/2018_tcc_fwpcarvalho.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.

<https://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/popce.def>. Acesso em: 19 jan. 2020.

<https://liceucamocim.blogspot.com.br>. Acesso em: 19 jan. 2020.

<https://cacholamagica.blogspot.com/2013/02/dimbrinquedim.html>. Acesso em: 20 jan. 2020.

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/meruoca-efervescente-1.651316>. Acesso em: 18 jan. 2020.

ANEXOS:

Vencedores dos Festivais Brasileiros de Canções Originais da TV Aberta					
Ano	Festival	Emissora	Canção	Autoria	Intérprete(s)
1965	1º MPB	TV Excelsior	<i>Arrastão</i>	Edu Lobo e Vinicius de Moraes	Elis Regina
1966	FNMPB	TV Excelsior	<i>Porta-Estandarte</i>	Geraldo Vandré e Fernando Lona	Tuca e Airto Moreira
	2º MPB	TV Record	<i>A Banda</i>	Chico Buarque	Chico Buarque e Nara Leão
			<i>Disparada</i>	Geraldo Vandré e Téo	Jair Rodrigues
	1º FIC	TV Rio	<i>Saveiros</i>	Dori Caymmi e Nelson Motta	Nana Caymmi
1967	3º MPB	TV Record	<i>Ponteio</i>	Edu Lobo e Capinam	Edu Lobo e Marília Medalha
	2º FIC	TV Globo	<i>Margarida</i>	Guttemberg Guarabyra	Guttemberg Guarabyra e Grupo Manifesto
1968	4º MPB	TV Record	<i>São São Paulo</i>	Tom Zé	Tom Zé
	1ª BS		<i>Lapinha</i>	Baden Powell e Paulo César Pinheiro	Elis Regina e Os Originais do Samba
	3º FIC	TV Globo	<i>Sabiá</i>	Chico Buarque e Tom Jobim	Cynara e Cybele
1969	5º MPB	TV Record	<i>Sinal Fechado</i>	Paulinho da Viola	Paulinho da Viola
	4º FIC	TV Globo	Cantiga por Luciana	Edmundo Souto e Paulinho Tapajós	Evinha
1970	5º FIC	TV Globo	<i>BR-3</i>	Antônio Adolfo e Tibério Gaspar	Tony Tornadão e Trio Ternura
1971	6º FIC	TV Globo	<i>Kyrie</i>	Paulinho Soares e Marcelo Silva	Trio Ternura
1972	7º FIC	TV Globo	<i>Fio Maravilha</i>	Jorge Ben	Maria Alcina
1975	FA	TV Globo	<i>Como Um Ladrão</i>	Carlinhos Vergueiro	Carlinhos Vergueiro

1979	FMPB	TV Tupi	<i>Quem me Levará Sou Eu</i>	Manduka e Domin- guinhos	Fagner
1980	MPB 80	TV Globo	<i>Agonia</i>	Mongol	Oswaldo Monte- negro
1981	MPB 81	TV Globo	<i>Purpurina</i>	Jerônimo Jardim	Lucinha Lins
1982	MPB 82	TV Globo	<i>Pelo Amor de Deus</i>	Paulo Debétio e Pauli- nho Rezende	Emílio Santiago
1985	FF	TV Globo	<i>Escrito nas Estrelas</i>	Arnaldo Black e Carlos Rennó	Tetê Espíndola
2000	FMB	TV Globo	Tudo Bem Meu Bem	Ricardo Soares	Ricardo Soares

Festival de Música Popular Brasileira (TV Excelsior e TV Record)

O Festival de Música Popular Brasileira foi o primeiro festival de canções originais de grande relevância. Teve cinco edições, sendo a primeira, em 1965, produzida pela TV Excelsior e com a final no Rio de Janeiro e as demais, pela TV Record, com a final em São Paulo. O formato adotado era de três eliminatórias com 12 canções cada, avançando quatro de cada para a final.

Resumo: Vencedoras				
Ano	Ed.	Canção	Autoria	Intérprete(s)
1965	I	<i>Arrastão</i>	Edu Lobo e Vinícius de Moraes	Elis Regina
1966	II	<i>A Banda</i>	Chico Buarque	Chico Buarque e Nara Leão
		<i>Disparada</i>	Geraldo Vandré e Téo	Jair Rodrigues
1967	III	<i>Ponteio</i>	Edu Lobo e Capinam	Edu Lobo e Marília Medalha
1968	IV	<i>São, São Paulo</i>	Tom Zé	Tom Zé
1969	V	<i>Sinal Fechado</i>	Paulinho da Viola	Paulinho da Viola

Festival Internacional da Canção (TV Rio e Rede Globo)

O Festival Internacional da Canção teve sete edições e foi realizado no Maracanãzinho, Rio de Janeiro, sendo a primeira, em 1966, produzida pela TV Rio e as demais, pela TV Globo. Consistia em duas fases: a nacional (que concedia o prêmio Galo de Ouro) e a internacional.

Resumo: Vencedoras - Fase Nacional				
Ano	Ed.	Canção	Autoria	Intérprete(s)
1966	I	<i>Saveiros</i>	Dori Caymmi e Nelson Motta	Nana Caymmi
1967	II	<i>Margarida</i>	Guttemberg Guarabyra	Guttemberg Guarabyra e Grupo Manifesto
1968	III	<i>Sabiá</i>	Tom Jobim e Chico Buarque	Cynara e Cybele
1969	IV	<i>Cantiga por Luciana</i>	Edmundo Souto e Paulinho Tapajós	Evinha
1970	V	<i>BR-3</i>	Antônio Adolfo e Tibério Gaspar	Tony Tornado e Trio Ternura
1971	VI	<i>Kyrie</i>	Paulinho Soares e Marcelo Silva	Trio Ternura
1972	VII	<i>Fio Maravilha</i>	Jorge Ben	Maria Alcina e Paulinho da Costa
Vencedoras - Fase Internacional				
Ano	Ed.	Canção	Autoria	Intérprete(s)
1966	I	<i>Frag Den Wind</i>	Helmut Zacharias e Carl J. Schaubert	Inge Brück
1967	II	<i>Per una Donna</i>	Marcello di Martino, Giulio Perretta e Corrado Mantoni	Jimmy Fontana
1968	III	<i>Sabiá</i>	Tom Jobim e Chico Buarque de Hollanda	Cynara e Cybele
1969	IV	<i>Cantiga por Luciana</i>	Paulo Tapajós e Edmundo Souto	Evinha
1970	V	<i>Pedro Nadie</i>	Piero e José Tcherkaski	Piero
1971	VI	<i>Y Después del Amor</i>		Hermanos Castro
1972	VII	<i>Nobody Calls me Prophet</i>	David Clayton-Thomas e William Smith	David Clayton-Thomas

Outros Festivais de MPB

Festival Nacional de Música Popular Brasileira

- Data: junho 1966
- Emissora: TV Excelsior
- Classificação:
 - 1º Lugar: “Porta-Estandarte” (Geraldo Vandré e Fernando Lona) – intérpretes: Tuca e Airto Moreira
 - 2º Lugar: “Inaê” (Vera Brasil e Maricene Costa) intérprete: Nilson

Festival Abertura

- Local: Teatro Municipal de São Paulo, São Paulo
- Emissora: TV Globo
- Data: fevereiro 1975
- Classificação:
 - 1º Lugar: “Como Um Ladrão” (Carlinhos Vergueiro) – intérprete: Carlinhos Vergueiro
 - 2º Lugar: “Fato Consumado’ (Djavan) – intérprete: Djavan
 - 3º Lugar: “Muito Tudo’ (Walter Franco) – intérprete: Walter Franco

Prêmio Melhor Trabalho de Pesquisa: “Vou Danado p’ra Catende” (Alceu Valença) – intérprete: Alceu Valença

Prêmio Melhor Arranjo: “Porco na Festa” (Hermeto Paschoal) – intérprete: Hermeto Paschoal

Prêmio Melhor Intérprete: “A Morte de Chico Preto” (Geraldo Filme de Souza) – intérprete: Clementina de Jesus

- Participante do Festival Abertura: “Ébano” (Luiz Melodia) – intérprete: Luiz Melodia

Festival de MPB

- Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo
- Emissora: TV Tupi
- Data: 1979
- Classificação:
- 1º Lugar: “Quem me Levará Sou Eu” (Manduka e Dominginhos) – intérprete: Fagner
- 2º Lugar: “Canalha” (Walter Franco) – intérprete: Walter Franco
- 3º Lugar: “Bandolins” (Oswaldo Montenegro) – intérpretes: Oswaldo Montenegro e José Alexandre
- Participantes do Festival de MPB/1979

“Palco” (Gilberto Gil) – intérprete: A Cor do Som

“Sabor de Veneno” (Arrigo Barnabé) – intérprete: Arrigo Barnabé e Banda Sabor de Veneno

“Maria Fumaça” (Kleiton Ramil e Kledir Ramil) – intérprete: Kleiton & Kledir

“Tira os Óculos e Recolhe o Homem” (Jards Macalé) – intérprete: Jards Macalé e Moreira da Silva

MPB 80

- Local: Maracanãzinho - Rio de Janeiro
- Emissora: TV Globo
- Data: abril 1980
- Classificação:
- 1º Lugar: “Agonia” (Mongol) – intérprete: Oswaldo Montenegro
- 2º Lugar: “Foi Deus que Fez Você” (Luiz Ramalho) – intérprete: Amelinha
- 3º lugar: “A massa” (Raimundo Sodré e Antônio Jorge Portugal) – intérprete: Raimundo Sodré.

Melhor Intérprete: *Porto Solidão* (Zeca Bahia e Ginko) – intérprete: essé

Participantes do MPB/80

- “Demônio Colorido” (Sandra de Sá) – intérprete: Sandra de Sá
“Nostradamus” (Eduardo Dusek) – intérprete: Eduardo Dusek
“Mais Uma Boca” (Fátima Guedes) – intérprete: Fátima Guedes
“Essa Tal Criatura” (Leci Brandão) – intérprete: Leci Brandão
“Vento Noroeste” (Elpídio dos Santos) - intérprete: Paranga

MPB Shell 81

- Local: Maracanãzinho - Rio de Janeiro
- Emissora: TV Globo
- Data: 1981
- Classificação:
 - 1º Lugar: “Purpurina” (Jerônimo Jardim) – intérprete: Lucinha Lins
 - 2º Lugar: “Planeta Água” (Guilherme Arantes) – intérprete: Guilherme Arantes
 - 3º Lugar: “Mordomia” (Ari do Cavaco e Gracinha) – intérprete: Almir Guineto

MPB Shell 82

- Local: Maracanãzinho - Rio de Janeiro
- Emissora: TV Globo
- Data: 1982
- Classificação:
 - 1º Lugar: “Pelo Amor de Deus” (Paulo Debétio e Paulinho Resende) – intérprete: Emílio Santiago
 - 2º Lugar: “Fruto do suor”, (Tony Osanah e Enrique Bergen) – intérprete: Raices de America
 - 3º Lugar: “Doce mistério” (Tentação; Tunai e Sérgio Natureza) – intérprete: Jane Duboc

Participantes do MPB Shell/82

“Dona” (Sá e Guarabyra) – intérpretes: Sá e Guarabyra ‘Princesa’
(Flávio Venturini e Ronaldo Bastos) – intérprete: Flávio Venturini

Festival dos Festivais

- Local: Maracanãzinho - Rio de Janeiro
- Emissora: TV Globo
- Data: 1985
- Classificação:
- 1º Lugar: “Escrito nas Estrelas” (Arnaldo Black e Carlos Rennó) – intérprete: Tetê Espíndola
- 2º Lugar: “Mira Ira” (Lula Barbosa e Vanderley de Castro) – intérprete: Miriam Mirah
- 3º Lugar: “Verde” (Eduardo Gudin e José Carlos Costa Netto) – intérprete: Leila Pinheiro

Festival da Música Brasileira

- Local: Credicard Hall, em São Paulo
- Emissora: TV Globo
- Data: 2000
- Classificação:
- 1º Lugar: “Tudo Bem Meu Bem” (Ricardo Soares de Carvalho) – intérprete: Ricardo Soares
- 2º Lugar: “Morte no Escadão” (José Carlos Guerreiro) – intérprete: Tianastácia
- 3º Lugar: “Tempo das Águas” (Valmir Ribeiro de Carvalho) – intérprete: Bilora
- Música Preferida do Público: “Brincos” (Amauri Falabela) - intérprete: Lula Barbosa

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Festivais_de_M%C3%BAsica_Brasileira. Acesso em: 09 jan. 2020.



Este livro foi composto em fonte Minion Pro,
em e-book formato pdf, com 84 páginas
Setembro de 2021

Iniciando a Série História Camocinense, o primeiro volume do tomo 1 traz um apanhado das memórias de quase 20 anos de festivais de música realizados na “terra do pote”. Francisco da Paz Pessoa (Silvio Paz) e Carlos Augusto Pereira dos Santos contam como estes eventos marcaram época e revelaram diversos talentos.